

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
CURSO DE GEOGRAFIA**

SUELEN SANTOS MAURICIO

**GEOGRAFIAS CONSTITUÍDAS COM O PROJETO DE EDUCAÇÃO
COMUNITÁRIA INTEGRAR**

FLORIANÓPOLIS – SC

2015

SUELEN SANTOS MAURICIO

**GEOGRAFIAS CONSTITUÍDAS COM O PROJETO DE EDUCAÇÃO
COMUNITÁRIA INTEGRAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Geografia, do Centro de Ciências
Humanas e da Educação FAED, como
requisito para a obtenção de título de
Licenciado e Bacharel em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Elisabete
Militz Wypyczynski Martins

FLORIANÓPOLIS - SC

2015

SUELEN SANTOS MAURICIO

**GEOGRAFIAS CONSTITUÍDAS COM O PROJETO DE EDUCAÇÃO
COMUNITÁRIA INTEGRAR**

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito para obtenção de título de licenciado em geografia, no Curso de Graduação em Geografia do Centro de Ciências da EDUCAÇÃO / FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

Banca examinadora:

Orientadora: Rosa Elisabete Militz Wypyczynski Martins – FAED/UDESC

Membro: Lourival José Martins Filho – FAED/UDESC

Membro: Larissa Correa Firmino – FAED/UDESC

Membro: Kleicer Cardoso Rocha - UNIVALI

FLORIANÓPOLIS, 26/11/2015

Aos meus pais, Lourdes Mauricio e Valdeli Mauricio, minha irmã, Letícia Mauricio, meu falecido avô, Antônio Mauricio e meu companheiro, Diego Andrade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que me permitiu chegar até aqui, sempre rodeada de pessoas especiais que me acolheram, aconselharam, me deram força, seu tempo e seu amor.

Aos meus pais, Lourdes e Valdeli, que me criaram com muito amor, num ambiente repleto de respeito e carinho. Investiram em minha Educação escolar e familiar e me apoiam nas minhas mais diversas decisões. Pela confiança e cobrança, valores éticos e pelo acolhimento.

A minha irmã, Letícia, que me ensinou muito do que sei hoje sobre a vida, sobre a ciência, e sobre o amor incondicional.

Ao meu avô, Antônio, que me mostrou a humildade mais autêntica que poderia existir, e o amor puro e verdadeiro. O tempo que esteve na Terra foi suficiente para ser inesquecível e imortal enquanto eu estiver aqui.

Ao Abu, meu parceiro de todas as horas, tristes e felizes, seu amor e acolhida cotidianos, meu melhor amigo.

Ao meu companheiro Diego, que tanto me apoiou nesta caminhada universitária, esteve ao meu lado nos momentos difíceis e me deu força para continuar firme.

As minhas grandes amigas, Maynine e Mayra, que tantas vezes me dedicaram seu tempo, me aconselharam, me acolheram, me deram aquilo de mais valioso que somente os amigos podem dar.

A Laura e Raquel que como os bons amigos nos dão força quando mais precisamos. Muito me ouviram e estiveram ao meu lado.

A todos os colegas de turma pela companhia nas aulas, nas saídas de campo, nos estágios, etc. Fizeram parte de uma etapa muito importante em minha vida.

Aos educadores que são responsáveis por grande parte do que aprendi nestes quatro anos, pelos ensinamentos mais diversos. A Edna, Ana, Amanda, Samuel, Maurício, Karina, Gabriel, Daniela pela seriedade e comprometimento na

profissão de docentes.

A minha querida orientadora, Rosa Martins, que me concedeu uma bolsa de pesquisa e confiou em mim e me acolheu quando a pedi que me orientasse no TCC. Pelo carinho em todos os encontros, e-mails, mensagens, foi fundamental para vencer essa etapa.

Ao Kleicer, que me acolheu no Projeto Integrar, me serviu de exemplo como professor e pessoa que é, e me deu a oportunidade de aprender assistindo e atuando em sala de aula. Pelo seu tempo destinado a mim.

Ao Projeto Integrar, aos educadores, monitores, ajudantes, estudantes, amigos em especial a Taís, que me Integraram ao Projeto e dividiram comigo as noites de sexta-feira.

Meus sinceros agradecimentos a todos.

A Educação sofre a ideologia de um mundo pronto e acabado em que o ser humano abandonou sua potência mais rara, a capacidade de pensar.
Marcia Tiburi (2014)

RESUMO

A Educação a serviço do capital - como qualquer outro mercado no sistema capitalista - é reflexo da sociedade perversa e desigual em que vivemos. A urgência em transformar o contexto social doentio para uma estrutura e um sistema minimamente sustentáveis remetem-nos ao meio transformador em potencial que é a Educação. O Projeto de Educação Comunitária Integrar entra na luta por um mundo melhor através dela e por ela. Este Projeto consiste em um curso preparatório para o vestibular visando pessoas em vulnerabilidade social, excluídas das possibilidades de ensino universitário. Neste sentido, o objetivo desta pesquisa é analisar a influência das aulas de geografia na visão de mundo e sociedade destes/as estudantes. Buscando assim conhecer a proposta do Integrar¹ e a proposta das aulas de geografia, bem como, discutir a respeito da geografia do Lugar, e apresentar a pesquisa realizada com os/as estudantes do Integrar sobre a geografia percebida no seu cotidiano, pensada e vivida, a partir da Educação geográfica que ocorre neste espaço. O problema que gerou a grande questão deste trabalho é: qual a influência das aulas de geografia do Integrar na visão de mundo e de sociedade dos/as estudantes? Ou seja, o que mudou em seus pensamentos e atitudes em relação aos lugares em que vivem depois de vivenciarem determinado processo educativo em geografia realizado no Integrar. Para respondermos a estas questões adotamos o estudo de caso, onde a pesquisadora se insere no contexto da pesquisa, na sala de aula do Integrar. Acredita-se que a ciência geográfica deve ser cotidiana e democrática, portanto dialógica, por isso deve desmistificar as facetas ocultas do sistema em que estamos enraizados e criar assim oportunidade de pensamentos e reflexões. Dessa forma os sujeitos podem se tornar transformadores sociais. A partir do resultado dos questionários percebemos que há uma grande influência das aulas de geografia do Integrar no modo de pensar dos estudantes e na consciência de suas atitudes no dia-a-dia, pois todos afirmam que houve uma influência com alguma intensidade; nas relações interpessoais, na comunidade, no trabalho e etc.

Palavras-chave: Educação geográfica – Projeto de Educação Comunitária Integrar – Ensino de Geografia.

¹ Projeto de Educação Comunitária Integrar.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – Aula de geografia humana na turma de extensivo do Integrar.....42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultado parcial da pesquisa: questão 01.....	47
Tabela 2 – Resultado parcial da pesquisa: questão 02.....	48
Tabela 3 – Resultado parcial da pesquisa: questão 03.....	49
Tabela 4 - Resultado comparativo entre as questões 01, 02, 03.....	49

LISTA DE ABREVIATURAS

EJA – Educação de Jovens e Adultos

GESTUS – Gestão Estudantil Universitária Integrar

IEE – Instituto Estadual de Educação

IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1- PROJETO DE EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA INTEGRAR.....	16
1-1- O projeto.....	16
1-2- A Educação geográfica no Integrar.....	20
2- O ENSINO DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DO LUGAR	22
2-1- O ensino de geografia.....	22
2-2- Lugar: O Conceito.....	32
2-3- Geografia do Lugar.....	34
3- AULAS DE GEOGRAFIA DO INTEGRAR: NA PRÁTICA DE 2015.....	39
3-1- Observações e Narrativas.....	39
3-2- Análise dos questionários.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65
ANEXOS.....	68

INTRODUÇÃO

Inicialmente quero falar um pouco sobre como surgiu meu interesse pela Educação e pela Educação de Jovens e Adultos - EJA, para chegar ao ponto em que nasce a ideia de trabalhar com o tema “Geografias constituídas com o Projeto de Educação Comunitária Integrar”.

Em minha trajetória acadêmica tive uma breve passagem (cerca de quatro semestres) pelo curso de Pedagogia da UDESC, antes de ingressar no curso de Geografia. Lá tive meu primeiro contato com esta modalidade de ensino, a EJA², que foi quando tivemos uma saída de campo para uma escola localizada no bairro Saco Grande em Florianópolis/SC. Nesta visita, conversamos com alguns/mas estudantes enquanto estudavam seus projetos com muito fervor no tema que eles mesmos haviam escolhido. Nesta mesma ocasião conversamos com educadores/as sobre a experiência na EJA. Isso despertou o meu interesse e gosto por este enorme público que foi excluído do ensino regular, das escolas tradicionais, por elas mesmas ou pelas obrigações de trabalho impostas pelo sistema em que vivemos.

Neste contexto quero assinalar minha relação e minha história com meu avô paterno, que era completamente analfabeto, não sabia sequer assinar o próprio nome e trabalhou arduamente durante toda sua vida, de acordo com as oportunidades que a oscilação do mercado permitira. Ora pescava e fazia redes de pesca, ora trabalhava em empresas privadas, até que, durante o governo militar, conseguiu um emprego no Hospital Celso Ramos onde ficou até se aposentar, mas continuou sem qualquer escolaridade, analfabeto. Ele ajudou a me educar no dia-a-dia, pois nasci enquanto morávamos no mesmo terreno, meus pais trabalhavam e meus cuidados ficavam sob sua responsabilidade.

Meu interesse pela ciência que envolve o espaço e o lugar nasceu, inconscientemente, muito cedo, no cotidiano com meu avô, pois andávamos por todo o bairro, de Santo Antônio de Lisboa e Sambaqui, pela praia, pelas ruelas de chão batido, pelo engenho de farinha, pelo curtume, onde ele me contava inúmeras histórias do passado destes lugares e me explicava e respondia todas as minhas perguntas, ainda que com argumentos muitas vezes mitológicos, folclóricos e etc.

² A EJA é a modalidade de Educação para Jovens e Adultos do município de Florianópolis. Os estudantes realizam projetos interdisciplinares, de acordo com seus interesses, e com o apoio dos/as educadores/as.

Acredito que muito do que aprendi, em relação ao mundo, ao espaço, à dinâmica da natureza, foi com ele, mais do que com a escola. Sempre soube, por experiência própria, que a vida educa, e muito. E a escola quando não ensina a pensar (reflexão), perpetua a tradição política e econômica da reprodução e manutenção da alienação capitalista, que segundo Marx já em 1848 no Manifesto do Partido Comunista (1996) a Educação também é mercadoria.

Muito felizmente, a escola do bairro em que eu estudava³ valorizava as afetividades, a cultura local, as turmas pequenas e com poucos alunos, e as relações muito abertas com a comunidade. Os muros eram baixos e as aulas aconteciam frequentemente na rua. Muitas vezes meu avô era convidado a entrar nas salas para falar sobre o passado do bairro e da cidade e com muita desenvoltura e coragem ele o fazia. Eu me enchia de orgulho, nunca tive boa oratória, apesar de tentar me espelhar nele.

Na época em que entrei na Universidade, no curso de Pedagogia, meu avô ficou cego e vi que a ausência desta visão não alterou o conhecimento e a intimidade que ele tinha com nosso lugar, ou nossos lugares. Meu desejo de alfabetizá-lo morreu com o fim de sua capacidade de ver.

Por alguns motivos pessoais troquei de curso, sempre fui apaixonada por Geografia, em boa parte devido ao meu avô, e passei a observar nele suas narrativas baseadas nas lembranças, carregadas de afetividade pelo espaço, inclusive por aqueles distantes, por onde ele viajou. Ao falar de locais do Nordeste no final da década de oitenta resumia aquelas cidades por onde passou pela presença de muitos insetos, moscas, pelo mau cheiro, pelas pessoas pobres e raquíticas etc.

Ele faleceu, e meu interesse pela Educação, sobretudo de jovens e adultos, só aumentou, pois vejo sujeitos geniais que tem muito a nos ensinar e a se emancipar intelectualmente, a conquistar melhores condições de existência e a transformar nossa sociedade para melhor.

Por último, mas não menos importante conheci a Professora Rosa Martins⁴ que me concedeu uma bolsa de Iniciação Científica para desenvolver uma pesquisa sobre o ensino de geografia em espaços não escolares, onde passei a realizar atividades nas sextas-feiras à noite no Projeto de Educação Comunitária Integrar⁵ nas

³ A escola que hoje não existe mais se chamava Centro Educacional Ensinarte.

⁴ Professora do Departamento de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

⁵ Este projeto é um curso de pré-vestibular comunitário, destinado a estudantes/as de baixa renda. Destacamos que utilizaremos somente a palavra “Integrar” para nominar o Projeto de Educação Comunitária Integrar ao longo desta pesquisa.

aulas de ciências humanas, com foco nas aulas de Geografia. Com isso, passei a fazer o acompanhamento e as observações das atividades que eram desenvolvidas com os/as estudantes nas aulas que aconteciam. Conquistada pelos/as educadores/as que atuam com verdadeira paixão e entrega, e pela intervenção social que fazem, me senti acolhida por uma ideologia familiar, por linhas de pensamento semelhantes a minha.

Diante da necessidade de definir uma temática de pesquisa para meu TCC⁶, e de minha crença na Educação democrática juntamente as lembranças do legado de meu avô, e minha total e absoluta ideia da genialidade dos saberes cotidianos, da capacidade de aprendizagem que todos os sujeitos possuem e da necessidade e urgência da sociedade em se transformar, pela diminuição da desigualdade social, de gênero, étnico racial etc. me fizeram decidir por desenvolver uma pesquisa de TCC que discute sobre a importância do papel da Educação geográfica humanista na vida de sujeitos que têm menos possibilidade de acesso à escolarização.

O **objetivo geral** deste trabalho é analisar a influência das aulas de geografia do Integrar na visão de mundo e sociedade dos/as estudantes. Buscando assim conhecer a proposta do Integrar bem como a dinâmica das aulas de geografia deste projeto. Além disso, integro o objetivo geral desta pesquisa, discutir a respeito da Geografia do Lugar, e apresentar a pesquisa realizada com os/as estudantes do Integrar sobre a geografia percebida no seu cotidiano, pensada e vivida, a partir da Educação geográfica.

O **problema** que gerou a grande questão deste trabalho é: qual a influência das aulas de geografia do Integrar na visão de mundo e de sociedade dos/as estudantes? Ou seja, o que mudou em seus pensamentos e atitudes em relação aos lugares em que vivem depois que passaram pelo processo educativo de Geografia que acontece no Integrar.

Para investigar o problema de pesquisa, optou-se por **um estudo de caso** no Integrar que desenvolve suas atividades no Instituto Estadual de Educação – IEE, localizado no Centro de Florianópolis – SC. Além da observação das aulas de Geografia em que a pesquisadora se insere no ambiente dos/as estudantes, sujeitos da pesquisa. Também foram analisados os questionários organizados com três questões fechadas e duas abertas, que estão na íntegra no apêndice 01, respondidos pelos/as estudantes.

⁶ Trabalho de Conclusão de Curso.

Os sujeitos da pesquisa são estudantes que iniciaram o curso no primeiro semestre de 2015. Inicialmente eram 134 estudantes no curso extensivo. Considerando que 12 passaram em vestibular de inverno e a evasão que se deu durante o percurso, no mês de outubro, no dia em que aplicou-se os questionários, haviam 24 educandos/as.

Sendo assim, a área de inserção da pesquisa é a Educação Geográfica, e seu campo é o Ensino de geografia com foco nas discussões e temáticas referentes à Geografia do Lugar, com base na reflexão que será feita a partir da visão de mundo que os/as estudantes têm influenciada pela Educação geográfica que se dá no Integrar.

A perspectiva teórica, ou referencial teórico utilizado nesta pesquisa são os estudos sobre o Lugar, ancorados na Geografia Humanista, e o de Ensino de geografia enquanto Educação libertadora e emancipatória.

A partir disso, este trabalho foi dividido em três partes. Na primeira apresentamos o Projeto de Educação Comunitária Integrar. Na segunda, discutiremos o referencial teórico tomado como ponto de partida para a reflexão, a pesquisa e a abordagem. Por último, apresentamos as narrativas dos sujeitos desta pesquisa, minhas observações enquanto pesquisadora ativa no campo de estudo/trabalho, e os resultados da pesquisa feita a partir do questionário aplicado com os/as estudantes.

1- PROJETO DE EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA INTEGRAR

Nesta parte do trabalho será apresentado o Projeto de Educação Comunitária Integrar - Integrar. Sua história, atuação, localização, e objetivos. Também será apresentada a proposta da Educação geográfica do Integrar e como acontece na prática, em sala de aula no ano de 2015 onde vivenciei a pesquisa e fiz minhas observações.

1.1. O Projeto de Educação Comunitária Integrar

O Integrar surgiu em agosto de dois mil e onze como um movimento de educadores/as ativistas/militantes pela Educação popular para o público dos trabalhadores/as, com o objetivo de atender jovens e adultos trabalhadores/as que se encontram em situação de vulnerabilidade social, com a finalidade de promover sua inclusão nas universidades catarinenses. (ROCHA e MARTINS, 2014).

Rocha e Martins (2015, p. 02) destacam no artigo “Experiências da prática docente do professor de geografia na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) dentro do Projeto de Educação Comunitária Integrar”, que este “projeto faz parte do movimento brasileiro do debate das Políticas de Ações Afirmativas, na qual possibilita através das políticas de cotas a inserção de estudantes trabalhadores de escolas públicas, negros e indígenas às universidades públicas, neste caso em particular a UFSC, a UDESC e o IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina).” Portanto, o Integrar busca incluir sujeitos historicamente e economicamente excluídos da Educação superior pública. A própria denominação do projeto indica o objetivo: Integrar.

Entretanto, esta não é a única proposta nem o único objetivo do Integrar, pois ele busca também educar sujeitos para “uma formação crítica, despertando nos estudantes o exercício da cidadania, onde possam ter maior intervenção social⁷, e serem mais atuantes nos seus lugares de vivências, como o local de trabalho, a

⁷ Entende-se aqui por intervenção social a atuação do sujeito na sociedade, onde sua intervenção traga benefícios para um grupo de pessoas, ou seja, para a coletividade, ao contrário de uma atuação que visa meramente o benefício exclusivamente individualista. Um exemplo disso é a luta por direito à universidade pública para todos.

comunidade, os espaços escolares, e nas universidades." (ROCHA e MARTINS, 2014, p. 02).

O Integrar desenvolve suas atividades no IEE – Instituto Estadual de Educação no centro de Florianópolis- SC, ocupando quatro salas no período noturno. As aulas iniciam às 18h50 e encerram às 22 horas.

Para que um indivíduo consiga uma vaga no Integrar é necessário fazer a inscrição no site dentro do período estabelecido para isso. Deve preencher os dados pessoais e responder diversas questões em relação à condição socioeconômica, escolaridade, etc. Após esta etapa há uma seleção para identificação dos sujeitos trabalhadores que possuem baixa renda e vulnerabilidade social, como negros, indígenas, pessoas mais velhas, estudantes de escolas públicas, desempregados e etc. Após isso os pré-selecionados são convocados para uma entrevista, onde são avaliados por uma banca composta por três educadores/as do Integrar que participaram do processo de capacitação para entrevistarem os candidatos às vagas. Por último, os selecionados têm seu nome divulgado no site e podem iniciar o curso.

Considerando o direito à escolaridade para todos e a impossibilidade de muitos permanecerem nas escolas e posteriormente nas universidades devido às desigualdades sociais, necessidade de trabalhar, e diversos outros motivos, o Integrar "se une na luta pela democratização do ensino no Brasil, atendendo ao público de EJA, no atendimento da formação continuada, daqueles estudantes trabalhadores que querem continuar seus estudos, buscando o ingresso na universidade." (ROCHA e MARTINS, 2014, p. 03).

No Integrar encontram-se diferentes atividades e práticas integradoras para os/as estudantes permanecerem no curso, como saídas de campo, aulões temáticos, encontros de socialização, atendimento psicológico gratuito, monitores disponíveis nas aulas e em outros horários, tanto na escola quanto por e-mail, e etc. Toda esta articulação é uma estratégia de permanência e incentivo aos estudos e à intervenção social em seus lugares (moradia, trabalho, lazer). De acordo com Rocha e Martins:

O Projeto Integrar vem desenvolvendo ações de acesso e permanência dos estudantes da EJA nos bancos universitários, no modelo de cursos pré-vestibulares populares, porém com uma metodologia diferenciada de atuação, na qual busca ir além de conquistar o acesso na universidade, mas tem também como objetivo formar os estudantes, para que possam ser cidadãos críticos e atuantes no percurso formativo universitário, e no pós-formação, para que possam ter atuações nos seus respectivos lugares de vivências e dentro do Projeto Integrar. (2014, p. 04).

Desde dois mil e onze até o ano de dois mil e quatorze mais de cento e cinquenta estudantes do Integrar foram aprovados em vestibulares nas universidades públicas da grande Florianópolis. Foram aprovações em diferentes cursos como engenharia, arquitetura, direito, geografia, história, pedagogia, ciências sociais, filosofia, sistemas da informação, geologia, agronomia, matemática. A aprovação no vestibular é apenas uma etapa do processo de acesso ao ensino superior, pois estes estudantes necessitam de condições para permanecer na universidade. Para dar conta desta demanda, os estudantes que participam do Integrar estão organizados na Gestão Estudantil Universitária Integrar (GESTUS⁸), que luta pela permanência na universidade, com apoio financeiro, pedagógico, através de reforços matemáticos, com oficinas de escrita, cursos de línguas, e apoio inicial para as conquistas dos direitos como Restaurante Universitário, Moradia Estudantil, bolsas de estudos e formulação do Cadastro Socioeconômico (ROCHA e MARTINS, 2014). Portanto, após o ingresso na universidade os sujeitos do Integrar contam com a GESTUS, um importante programa de apoio a este público que muito facilmente pode desistir desta nova árdua etapa que é a graduação.

Pode-se citar como motivos de desistência (evasão) dos/as estudantes do Integrar: dificuldades financeiras que impedem o transporte todos os dias até o IEE; Cuidados com a família que muitas vezes dependem dos/as trabalhadores/as estudantes (crianças, idosos, deficientes); cansaço e esgotamento físico e emocional; oportunidade de trabalho que surgem no período noturno, e também em alguns casos a aprovação de estudantes nos vestibulares, em chamadas durante o ano enquanto estão em curso e nos vestibulares de inverno que acontecem no meio do ano.

Consideramos que o Integrar é um importante espaço e instrumento de transformação social, baseado numa prática articulada sob quatro eixos:

1º eixo – proporcionar curso pré-vestibular gratuito extensivo de 8 meses e semiextensivo de 4 meses, voltados aos sujeitos de escola pública, negros e indígenas, em situação de vulnerabilidade social, que tenham o acesso através das políticas de ações afirmativas (cotas), nas universidades públicas de Santa Catarina; 2º eixo –

⁸ GESTUS é um Projeto de apoio aos estudantes universitários oriundos do Projeto de Educação Comunitária Integrar, que visa sua permanência nas universidades e luta pelas conquistas coletivas como maior democratização do ensino através de acesso à restaurante universitário, bolsa de estudos, moradia estudantil.

GESTUS, que proporciona o apoio aos estudantes trabalhadores durante seu percurso formativo na graduação, visando a permanência destes, evitando o baixo rendimento acadêmico e diminuindo o processo de evasão; 3º eixo – oportunizar a experiência da prática docente para o público da modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), a fim de formar educadores em início de carreira, sensibilizados com a causa da Educação dos trabalhadores. (ROCHA e MARTINS, 2014, p. 05).

Além destes três eixos, é preciso destacar um 4º eixo: Prática de intervenção social em que os/as estudantes universitários atuam nas comunidades. Este eixo foi criado para que fosse fomentado entre os educandos do Projeto Integrar práticas e ações que visem a atuação do egresso em suas comunidades para auxiliar na melhoria da qualidade de vida de seus moradores.

É por isso que não se pode considerar o Projeto de Educação Comunitária Integrar como apenas um curso pré-vestibular. Seria niilismo. Além de todas as ações de incentivo e apoio a permanência no curso, de incentivo a permanência e ao bom aproveitamento na/da universidade, o Integrar ainda visa oportunizar aos estudantes de curso de licenciatura um espaço de capacitação na modalidade de Educação, EJA, com foco na luta e militância pela democratização da Educação. Por isso, o aprendizado é mútuo, os/as estudantes aprendem e ensinam os/as educadores/as, tudo num processo de diálogo e valorização dos sujeitos que ali se encontram. Considera-se importante o fato de que todos lutam por um mundo melhor, menos desigual.

No Integrar todos/as os/as educadores/as são voluntários, não há remuneração pelo trabalho realizado. O Integrar não está vinculado ao poder público, a um partido político ou autarquia. Sua atuação é autônoma. O curso é estruturado com todas as disciplinas cobradas nos concursos vestibulares, contando então com educadores/as e monitores/as de Geografia, História, Sociologia, Redação, Línguas – Portuguesa e Estrangeira: Inglês e Espanhol -, Literatura, Química, Física, Matemática e Biologia.

O Integrar possui uma parceria com o Sindicato dos Fiscais da Fazenda do Estado de Santa Catarina (SINDFISCO- SC), em que esta instituição disponibiliza uma verba de cinco mil reais para que o Integrar utilize de acordo com suas necessidades, com reprografias, bolsa paga a dois monitores que auxiliam os/as educadores/as e estudantes nas atividades básicas da noite, como recolhimento do cartão de presença, empréstimo de livros e etc.

De acordo com Rocha e Martins (2014), o Integrar vem quebrando paradigmas na medida em que comprova que diferente do que muitos pensam de que os trabalhadores não são capazes de adentrar nas universidades públicas. Eles não somente são capazes como são potenciais transformadores sociais e intervenientes de suas comunidades, por serem trabalhadores e sujeitos que conhecem bem o campo de luta do dia a dia, do cotidiano, de batalhar pelas condições mínimas de existência. Isso nos faz pensar também que este público que está superando expectativas nos mais diversificados ambientes pode vir a transformar o ambiente acadêmico, tornando-o mais democrático e eficaz para a sociedade como um todo.

Acredita-se aqui que o investimento público depositado no meio universitário deve ser revertido para a sociedade, para que o conhecimento científico construído lá não fique enclausurado nem seja elitizado, mas ultrapasse os muros da universidade.

1.2. A Educação geográfica no Integrar

A metodologia adotada para o ensino de geografia no Integrar é aquela que considera o diálogo⁹ um construtor de conhecimento, partindo dos saberes prévios dos/as estudantes, para que se propicie a “ampliação dos saberes dos trabalhadores estudantes.” (ROCHA e MARTINS, 2014, p. 02). Ainda de acordo com os mesmos autores:

Como estratégia metodológica, busca-se trazer os saberes dos estudantes trabalhadores, que tem uma vivência no mundo do trabalho, e podem contribuir com o debate e construção do conhecimento em sala de aula. Entendemos que dar voz aos estudantes, faz com que os mesmos participem mais das aulas e se apropriem dos conhecimentos, desenvolvendo assim suas habilidades. (IBIDEM, 2014, p. 08).

Portanto a estratégia adotada para atingir os objetivos do Integrar nas aulas de geografia é a de promover a participação dos/as estudantes nas discussões que são

⁹ Diálogo para Paulo Freire em “Extensão e Comunicação”: “E ser dialógico, para o humanismo verdadeiro, não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em “séres para outro” por homens que são falsos “séres para si”.”(FREIRE, 1985, p. 28)

debatidas durante as aulas. Dessa forma, os/as educadores/as podem conhecer melhor os estudantes e utilizar linguagens e atividades que valorizem os saberes cotidianos dos mesmos. Com isso, a disciplina de geografia dá conta do objetivo de estabelecer relações dos estudantes com seu cotidiano e com o mundo do trabalho (ROCHA e MARTINS, 2014). Portanto, a metodologia adotada permite que os educadores facilitem a compreensão dos conceitos e conteúdos geográficos, de modo que os/as estudantes consigam por si só pensar nas relações com seu cotidiano, com a sua vida, com seus lugares, e assim se promova o aprendizado a partir do pensamento, da construção do conhecimento que se dá em grupo, no coletivo.

A geografia entra na sala de aula como mediadora de transformações relevantes para o contexto individual dos sujeitos, pois segundo um dos educadores de Geografia e idealizadores do Integrar: “propomos assim, a construção de mecanismos participativos que transformem e ressignifiquem a realidade dos estudantes.” (ROCHA e MARTINS, 2014, p. 08). Mecanismos estes que constituem os desafios da prática da docência dos/as educadores/as que desejam trazer mudanças transformadoras no cotidiano dos/as estudantes. Estes mecanismos participativos fazem parte da metodologia adotada por cada professor/a em cada aula, para cada conteúdo que é trabalhado, pois cada assunto tem suas particularidades e formas de ser discutido, cabe ao/a professor/a conduzir e mediar estes processos que promovam o pensamento crítico e autêntico dos sujeitos, que possibilita o desenvolvimento intelectual e a transformação da realidade através das atitudes propositivas. Assim, Rocha e Martins salientam que,

Quando os estudantes conseguem se apropriar dos conteúdos e refletir sobre as práticas vividas no espaço geográfico, podemos desta forma avançar na construção de conhecimentos. Com os conceitos geográficos apropriados, sua visão de mundo se amplia, pois o mesmo consegue fazer as relações e compreender os interesses ligados na transformação do espaço geográfico, consegue compreender os processos de segregação que ocorre nos centros urbanos da sua cidade. (2014, p. 09).

Portanto, a partir da apropriação dos conteúdos geográficos e de sua consequente reflexão, ou problematização, ampliam-se as possibilidades de pensamentos mais complexos, mais abrangentes, mais profundos que dizem respeito ao espaço, em todas as suas categorias de análise, política, social, econômica e etc.

Dessa forma as aulas de geografia promovem mudanças no pensamento e na consequente ação dos/as estudantes, como nos afirma um dos educadores do Integrar: “Buscamos ajudar os estudantes a lerem o mundo atual, a fim de que o mesmo possa construir outros mundos possíveis.” (ROCHA e MARTINS, 2014, p. 09).

A Educação geográfica com a promoção de aulas participativas e dialógicas se constitui como uma disciplina e ciência que possibilita a democratização das relações humanas e sociais a partir do pensamento, da reflexão e da ação. Neste sentido, é fundamental ao/a educador/a manter-se atualizado/a, atento/a ao mundo que está em constante e interminável mudança. Este dever faz parte da profissão do/a educador/a de geografia.

O espaço geográfico (meio físico e humano) em todas as suas esferas é dinâmico e infinitamente/indefinidamente mutável, e por este motivo o/a educador/a geográfico, que lida com este conceito no seu dia-a-dia de trabalho deve estar a par das grandes mudanças, trazendo para a prática pedagógica discussões e problematizações para a reflexão de todos, inclusive do/a professor/a. É preciso “estar atualizado, atento aos acontecimentos que o mundo globalizado provoca na ordenação, transformação do espaço geográfico”. (ROCHA e MARTINS, 2014, p. 09).

O ensino de geografia no Integrar promove/contempla diferentes práticas articulando os eixos citados anteriormente (curso pré-vestibular, GESTUS, prática docente, intervenção social). Algumas delas são: horta urbana, saídas de campo, cine debate, envolvimento e diálogo com movimentos sociais.

2- O ENSINO DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DO LUGAR

Nesta segunda parte do trabalho pretende-se apresentar ao leitor inicialmente um breve panorama histórico da geografia enquanto ciência sistematizada e sua relação com a Educação dentro do contexto capitalista, e também o legado deste passado recente (geografia sendo sistematizada e aceita como ciência autônoma) para o momento atual, focando sempre no campo de estudo do Ensino de Geografia.

Discutimos então, com base em alguns autores da área da história do pensamento geográfico, da Educação, e do ensino de geografia, qual a importância da Educação geográfica, como ela acontece (pensando na estrutura e conjuntura da sociedade contemporânea), quais os problemas são identificados na Educação dentro desta estrutura e conjuntura social e política e quais os desafios dos/as educadores/as considerando que a Educação deve ser socialmente e politicamente democrática e emancipadora - do ponto de vista intelectual.

Por último, neste primeiro item, que se dedica a discussão sobre o Ensino de Geografia, vamos apresentar o viés que se toma como referencial neste trabalho, a corrente da Geografia Humanista, seus fundamentos e sua contribuição para a Educação geográfica.

Em um segundo momento desta parte, procuramos compreender e dialogar com o conceito de Lugar e suas contribuições para com a geografia, buscando assim apresentar o que é a Geografia do Lugar e suas implicações para a Educação que aqui defendemos: libertadora. De acordo com o pensamento de Tiburi e Hermann: “Penso a Educação como uma ético-política. Tenho o desejo de resgatar a Educação para a ética salvando-a da economia. Tenho a impressão de que, salva da economia, ela possa voltar a ser política.” (TIBURI e HERMANN, 2014, p. 12).

2.1. O ensino da Geografia

A Geografia enquanto ciência desde sua sistematização no início do século XIX assentada sobre bases positivistas, forjada num processo de consolidação do sistema capitalista alemão, possui uma constante variável em seu objeto de estudo. Ora o conhecimento científico geográfico estava ligado ao levantamento de dados

físicos espaciais pautados numa visão determinista¹⁰, ora se tentava presumir e legitimar divisões de áreas em um período capitalista de expansão territorial sob um pretexto possibilista¹¹. Sob estas perspectivas adotam-se e alteram-se o objeto de estudo, sendo ele desde a superfície terrestre, a paisagem, os lugares, o espaço geográfico até a relação homem-meio, homem-natureza. Pode-se dizer que tanto o objeto quanto a metodologia adotada são proporcionais à intencionalidade do geógrafo e são tão múltiplas e ao mesmo tempo singulares quanto forem as intenções. Segundo Moraes:

A sistematização da Geografia, sua colocação como uma ciência particular e autônoma, foi um desdobramento das transformações operadas na vida social, pela emergência do modo de produção capitalista [...] a geografia foi na verdade um instrumento da etapa final deste processo de consolidação do capitalismo. (2007, p. 41).

A Geografia como ciência tem seu berço na Alemanha ainda não unificada, onde surgem as primeiras catedras e faculdades. Mais tarde surge a disciplina institucionalizada nas escolas. O afã deste país ainda em consolidação em expandir seu território e garantir colônias deu à Educação geográfica um caráter herdado até hoje. O ensino de geografia persuasivo, ditatorial, pautado no empirismo lógico, na necessidade de dominação dos povos não-civilizados, diga-se não europeus, elitista, exclusivo, voltado para interesses político-econômicos tem suas raízes na insignia do capital. Pode-se dizer que o ensino de geografia nasceu em decorrência deste panorama econômico, para se atingir metas capitalistas, de imperialismo e colonização.

Era necessária a educação geográfica nas escolas para que, os/as estudantes, desde jovens, tomassem conhecimento da hierarquização entre povos, a desigualdade social era natural e necessária, e o território era pertencente aos mais fortes e influentes. É por isso que Yves Lacoste escreve em 1976 o livro cujo título é autoexplicativo “*A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*”. Uma obra preponderante da chamada Geografia Crítica, onde o autor destaca o papel desta ciência como estratégia geopolítica, para dominar o espaço, muito utilizada

¹⁰ Ratzel propôs uma geografia centrada na relação homem-natureza, onde o território é determinante para o progresso da sociedade e o Estado está acima da própria sociedade, legitimando o poderio militar e o expansionismo bismarckiano.

¹¹ Possibilismo geográfico é uma corrente do pensamento geográfico baseada nas formulações de Vidal de La Blache que prega a possibilidade da sociedade em atuar no meio, se adaptando e transformando a natureza de acordo com suas necessidades.

militarmente e pelos grupos imperialistas, dominantes, e menos utilizada (muito pouco) pelo povo oprimido para pensar o espaço como palco de transformação social e luta, ainda que já esteja sendo utilizado. Ele chama a atenção para a possibilidade de se pensar o espaço e nele atuar eficazmente, o que acontece muito pouco por parte dos educadores/as de geografia e geógrafos, é pouco explorado visto as imensas possibilidades das quais o espaço dispõe.

A Educação geográfica, como qualquer ato educativo, tomado aqui como construção de conhecimento, se dá a partir da relação com o outro, em todo e qualquer ambiente, seja ele intencional ou não, repressivo ou libertador, formal ou não formal, reflexivo ou acrítico, ou seja, ela acontece de uma forma ou de outra, mas acontece, é natural. A Educação geográfica diz respeito ao pensamento em relação ao espaço, ao local onde se vive, aos acontecimentos sociais e físicos, é uma reflexão, mas também é ação (LACOSTE, 1976).

Sabe-se que desde a mais tenra idade o indivíduo estabelece uma relação com o espaço onde vive (lar, rua, bairro, praça, igreja, escola etc.), constitui laços afetivos com estes espaços e com as pessoas, e cria uma identidade influenciada pela cultura, pelo idioma, pelos hábitos, e pela interação com outros sujeitos (família, vizinhos, educadores e etc.), ou seja, em qualquer contexto, sob qualquer estrutura, o indivíduo se desenvolve moral, cognitivo, social, psicológico, intelectualmente com o lugar em que vive e transita e com as pessoas que dividem estes lugares com ele, e todo este desenvolvimento constitui o processo educativo e está intimamente ligado ao pensamento geográfico.

O pensamento geográfico se desenvolve quando o indivíduo pensa o espaço, considerando todo e/ou qualquer elemento que nele esteja presente. Por isso se considera um ato educativo quando um sujeito conversa com outro a respeito dos motivos de uma greve que participou em uma rua em frente à determinada empresa, por exemplo. Considera-se fundamental a compreensão da Educação como algo que se dá através do pensamento e do contato com o outro. Por isso, os educadores devem respeitar toda a bagagem de saber dos estudantes, considerando-a como indeléveis, pois não podem ser ignorados, são importantes e devem ser valorizados pelos educadores/as a fim de enriquecer o momento do ensino na sala de aula.

Apesar disso, sabe-se que é indubitável a imensa potencialidade da Educação escolar, onde o papel do professor de geografia é fundamental no processo de construção do conhecimento e re-conhecimento sobre os lugares e a sociedade,

onde é essencial que o sujeito se reconheça como parte de um todo (do sistema, da comunidade, etc.) e possa compreender que são as relações humanas, ou seja, políticas, econômicas, sociais, que fazem com que o espaço onde se ocupa seja tal qual ele é, produto do sistema capitalista, fruto do jogo de poderes que ocorre oculto, sob uma dimensão paralela quase invisível à visão popular. Talvez este entendimento seja o objetivo do ensino geográfico, mais democrático e eficaz, e que durante a história pouco se alcançou, em decorrência da própria natural parcialidade da Educação, que de maneira majoritária, visa o interesse do capital, a alienação de uma sociedade de classes e desigual. (LACOSTE, 1976).

Os/as educadores/as de geografia através do processo de construção de conhecimento tem a possibilidade de romper com esta cultura geográfica de legitimação da sociedade classista e do sistema hegemônico universal se tornando divisores de águas entre o ensino geográfico tradicional prolixo e aquele emancipador, libertador, que norteia a autenticidade de pensamento. É claro que isto só é possível (e provável) quando a formação do professor permite sua própria emancipação, o que no Brasil só foi possível depois do longo período de ditaduras militares no século passado. Apesar das resistências, a Educação não conseguia/podia ser libertadora.

A geografia possui diferentes saberes científicos que podem ser discutidos e valorizados que não podem se perder nem ser desconsiderados, pois tem legitimidade enquanto ciência (comprovação, estudos, pesquisas) e importância perante a sociedade acadêmica, que são fundamentais na formação escolar, constituem informações da história da ciência geográfica, portanto devem ser perpetuadas, ainda que a memorização não colabore para mantê-las gravadas.

Estas informações são importantes de serem ensinadas e trabalhadas principalmente quando há interdisciplinaridade, quando os conteúdos são complementares; história, geografia, sociologia, filosofia, português, matemática, Educação artística etc. Os conteúdos que são ministrados na disciplina de Geografia são importantes, como por exemplo os conceitos e conteúdos que abordam os domínios morfoclimáticos do Brasil por Aziz Ab'saber. O que queremos destacar é a forma como estes conteúdos/conceitos são abordados em sala de aula. Acredita-se que é preciso ensiná-los de forma interdisciplinar, dinâmica, crítica, interativa, com a possibilidade dos estudantes construírem seu conhecimento com autonomia e reflexão.

Segundo Viviane Mosé, filosofa que se dedica ao tema Educação e sua relação com o modelo de Educação escolar, destaca quais são as influências que a escola recebeu ao longo do tempo no Brasil:

Influenciada, por um lado, pela industrialização que chegava e, por outro, pelo regime militar que passou a vigorar no Brasil, nossa escola foi se estruturando como uma linha de montagem, um modo de produção que fragmentou o trabalho humano, tendo em vista o aumento da produtividade. A hiper-esIntegralidade, o ensino voltado ao “científico”, movido pela euforia tecnicista, as inúmeras aulas de 50 minutos, sem conexão entre si, sem contexto, nos levaram a uma sociedade que desaprendeu o valor do todo, do global, do complexo. (MOSÉ, 2012, p. 01 e 02).

É por este motivo que as pessoas não compreendem muitas vezes o valor da Educação, dos saberes, do conhecimento, pois dessa forma ele acaba não tendo aplicação na vida cotidiana, no dia-a-dia, nas relações que se estabelece com o outro. Esta autora nos alerta para refletirmos sobre as rotinas que temos nas escolas de Educação básica e até na universidade. Existe uma organização curricular, temporal e espacial que nos remete a um regime autoritário que vêm de cima para baixo, estando o/a estudante numa posição de subordinação e de ouvinte somente. De forma semelhante funciona a campainha que toca para iniciar a aula, para encerrar, para avisar o tempo de intervalo, etc, isso ocorre nos mesmos moldes de uma fábrica, onde cada processo é segmentado e independente do outro sempre visando a produção, em massa.

Dessa forma, e neste contexto, a escola se distancia da sua função social e política de emancipação intelectual e de formação crítica para a libertação dos sujeitos, para que todos sejam autores de sua própria história e não deleguem esta tarefa para outrem.

A fragmentação das escolas (ou da maioria dos métodos de Educação) seguindo o padrão industrial, de segmentação, vai tornando os sujeitos cada vez mais fragmentados “desvinculados das grandes questões humanas, sociais, planetárias. E vamos vivendo acoplados a uma parcela tão pequena da realidade que chegamos a esquecer quem somos, o que buscamos.” (MOSÉ, 2012, p. 02). Enquanto que o mundo em que vivemos exige uma grande complexidade e transversalidade no ato de pensar e agir. Para compreender e se reconhecer perante a sociedade é fundamental pensar de forma transversal, multidisciplinar, complexa, universal.

Hoje, com uma rede de fluxos informacionais constantes e instantâneos

através das tecnologias, acesso ao conhecimento informal, formal, intelectual, técnico, científico, os/as educadores/as podem organizar suas aulas através de metodologias e problematizações que possibilitem o ato de pensar mais efetivo, por parte de todos, visto que as informações podem ser adquiridas por muitos a partir de computadores, celulares ou tablets, muito facilmente. O processo educativo não pode mais ser concebido como mero repasse de dados, isso qualquer equipamento eletrônico pode fazê-lo, mas sim o de conduzir e guiar os estudantes num processo de pensamento mais profundo e autônomo que leve à criação, à possibilidade de ação ou inação voluntária e consciente, de não repetir ideias, mas de criá-las. Neste contexto, problematizar aquilo que é banal, algo pronto no espaço, é fundamental no ensino de geografia, como por exemplo, questionar os/as estudantes porquê de determinada localidade próximo à escola possuir lojas de diferentes empresários que vendem o mesmo tipo de mercadoria, todas próximas, ou porquê em alguns bairros da cidade só terem habitações de luxo, etc.

Segundo Ribeiro:

O que se busca com a Educação geográfica é que o sujeito tenha o direito de fazer análises próprias, que pense de forma racional. Parte-se de conceitos científicos para compreender o seu lugar no mundo e colaborar para o planejamento do espaço coletivo e mundial. (2011, p. 29).

Portanto, a partir de conteúdos elaborados previamente pelo educador de geografia, é fundamental que se inicie um processo conjunto de construção de conhecimentos, onde a caminhada se direciona à autenticidade dos pensamentos e a postura crítica e ativa de todos, educadores e estudantes, e não à mera e costumeira memorização.

Segundo Tiburi e Hermann, “a sociedade inteira educa, a vida educa, e nesse interminável processo de aprendizagem propomos alternativas de mundo e recriamos a nós mesmos.” (2013, p. 46). Hermann nos diz isso pensando no papel dos educadores/as ao lidar com os sujeitos, que como todos nós, são educados pela vida, mas que na sala de aula podem se deparar com outras “alternativas de mundo”, e ainda refletir sobre uma outra forma de ser, no que chama de “recriamos a nós mesmos”.

O ensino de Geografia engloba diferentes categorias que procuram explicar as relações entre sociedade e natureza, entre elas Geografia Física, Geografia Humana

e a área da Cartografia, onde dentro de cada categoria abre-se um leque de novas categorias, como naquela primeira desdobra-se no estudo da Astronomia, Tempos geológicos, Relevos, Origem e formação da Terra, etc. Na Humana, desdobra-se em estudos históricos de modos de produção, modo de organização hierárquica da sociedade, guerras, movimentos sociais, instituições geopolíticas (ONU, Mercosul, etc.), e teorias como da Globalização, etc. E a Cartografia desdobra-se em formas de representação do espaço, formas de interpretação do espaço e da representação e etc. Estas categorias são na realidade uma forma didática de classificação para facilitar o estudo e a compreensão do todo, mas dizem respeito ao Espaço (uma unidade), que é constituído por sociedade e meio, portanto toda e qualquer categoria não é nem está isolada. Até mesmo a astronomia tem relação com o ser humano, pois se não temos grandiosidade suficiente para saber os limites do universo, tudo que se estuda e se ensina não passa de teoria, e por isso, os estudantes também podem e devem pensar a respeito, se concordam ou não com as informações trazidas pelo livro didático, pelo site pesquisado, ou pelo que se diz na opinião popular.

Para trabalhar com categorias, que são fundamentais no contexto geral da Geografia, os/as educadores/as devem optar por uma metodologia, que aproxima o conteúdo com o cotidiano e lugar dos estudantes, pois a compreensão e o pensamento surgem daquilo que se vê, que se toca, que se vive, se sente.

De acordo com Santos:

No momento em que se valoriza a realidade do grupo de alunos, resgata-se a sua história e sua identidade. Discutindo um espaço que bem conhecem, podem construir conceitos mais amplos, facilitando o seu aprendizado, o que pode levá-los a uma maior compreensão do seu papel como sujeitos ativos na construção do espaço em que vivem. (2010, p. 67).

A possibilidade de realizar conexões entre os conteúdos trabalhados em sala com a vida, o cotidiano, os hábitos, dos estudantes é uma das maiores riquezas inerentes à Geografia, e é dessa forma que o pensamento geográfico pode libertar um sujeito de uma realidade antes estabelecida, concreta e até mesmo estagnada. O entendimento da influência que possui o sistema capitalista com toda sua complexidade em pequenos acontecimentos cotidianos e o inverso da mesma maneira permite ao indivíduo notar em si e ao seu redor toda importância e valor que carrega com pequenas atitudes aparentemente insignificantes perante a sociedade.

Os/as educadores/as da geografia vão se deparar em sua prática docente, com conceitos cotidianos e científicos constantemente em seu discurso e na fala dos estudantes. Os conceitos cotidianos são construídos socialmente e culturalmente, e incorporados pelos sujeitos através da experiência, enquanto que os conceitos científicos são construídos intencionalmente pelos intelectuais e tem relação com o conhecimento acadêmico. Segundo Ribeiro, “Os conceitos cotidianos são estabelecidos no convívio cultural, são formados a partir de vivências e observações do mundo. Os científicos passam pela elaboração intencional dos indivíduos do grupo cultural e estão relacionados ao saber.” (2011, p. 31).

Ainda para Ribeiro, os “conceitos cotidianos e científicos não estão isolados, mas influenciam-se reciprocamente. Transferir o conceito é impossível e o papel do professor é utilizá-lo em diferentes contextos nos quais o sujeito possa vir a compreendê-lo” (2011, p. 31-32). Portanto, conceitos científicos não tem importância se não forem contextualizados e compreendidos, da mesma forma que apenas discussões cotidianas não representariam o modelo ideal de aula de Geografia. É preciso relacioná-los e construir pensamentos e conhecimentos a partir desta atividade que é o desafio do educador. É preciso saber desmistificar o que se acha banal, justamente aquilo que é rotineiro, e a partir daí conectar com a ciência geográfica. Neste processo, com participação dos estudantes, considerando suas realidades, seus lugares, valorizando aquilo que pareceria banal, se constrói conhecimento e propicia-se o pensamento emancipado e novo.

Desta forma, o ensino de geografia constrói, destrói e reconstrói identidades. Permite que sujeitos se reconheçam e se valorizem perante o mundo. Esta ciência é potencialmente uma transformadora social e com isso, espacial. Possibilita um processo de construção de uma nova configuração e morfologia espacial, mais justa, democrática, igualitária, humanamente possível. Segundo Santos:

A disciplina Geografia cabe não somente levar o aluno a um entendimento da dimensão espacial da sociedade como um todo, mas, encontrar meios de contextualizar esse ensino, considerando também o espaço vivido do/pelo aluno, uma vez que é relevante que ele entenda sua própria realidade e os fatores que influenciam diariamente sua vida. (2010, p. 64).

Considerando então a importância do ensino da Geografia como potencial transformador social, utilizamos neste trabalho uma linha de pensamento que valoriza os seres humanos e suas subjetividades, a Geografia Humanista, que tem origem nas

últimas décadas do século passado, aliada a Geografia Cultural e outras vertentes semelhantes, quando se efetivava um momento de insatisfação entre os geógrafos com a superficialidade desta ciência no que se refere às subjetividades humanas, tendo como um dos principais e mais importantes autores Yi Fu Tuan que dá grandes contribuições à Geografia Humanista com seus estudos a respeito do conceito do lugar e etc. (HOLZER, 2008).

A Geografia Humanista não vê nada isolado no espaço, estuda o meio e a sociedade como complementares onde o ser humano tem papel fundamental, pois ele vê o ambiente a partir de sua própria consciência e assim sendo valoriza essa subjetividade humana, algo que vai além da pura razão e lógica, mas explora os sentidos, os sentimentos, os afetos, as emoções e etc. Segundo Lopes:

Para a Geografia humanista qualquer separação petrificada entre o mundo objetivo, exterior e o mundo subjetivo, interior é desprezada. Pois o homem e o mundo têm consistência a partir de suas respectivas conceituações e constituem uma espécie de expansão de nossas consciências. Haja vista que se o sujeito estiver inserido no construto do conhecimento, não ocorre possibilidade de cisão entre objetivo e subjetivo, entre fatos e valores. Nesse sentido, analisar, descrever e compreender fatos, para a geografia humanista, passa necessariamente pela abordagem e pela apreensão do homem, isto é, por uma empatia com o homem. (2010, p. 29)

Segundo Lopes, a geografia tradicional é constituída de uma herança mecanicista, que vê o mundo como uma máquina, que considera o pensamento como gerador da existência, e desconsidera qualquer valor que tenha a emoção e os sentimentos. É neste ínterim que se desenvolve uma corrente humanista na Geografia.

Adota-se neste trabalho e na pesquisa que será apresentada, portanto, o viés da Geografia Humanista que valoriza os laços afetivos existentes entre o indivíduo e seu ambiente, reconhecendo no lugar um somatório de diferentes esferas da vida individual e social (LEITE, 2012). Assim sendo, os/as educadores/as também carregam laços afetivos com os lugares, e ao lidar com os/as estudantes que por sua vez carregam sentimentos em relação aos espaços cotidianos, estão mediando e construindo o conhecimento a partir de vivências singulares (pessoais), ainda que num contexto coletivo. É sob esta perspectiva que a pesquisa busca dar conta de considerar em todas as análises a variável da subjetividade humana, dos afetos e sentimentos que permeiam a visão de mundo, de sociedade e do espaço cotidiano

dos sujeitos: educadores/as e estudantes. Segundo Lopes: “Sabe-se, portanto que o olhar do geógrafo, em nenhuma hipótese, é inteiramente desprovido de bagagem subjetiva, pois o espaço vivido/vivenciado é necessariamente, também o espaço dos geógrafos.” (2010, p. 30).

Dentro desta lógica da Geografia Humanista podemos então dialogar com a Educação geográfica. Esta que deve levar em conta os fundamentos humanistas em todos os momentos em que se lida com o conhecimento geográfico, com a relação que se estabelece com os/as estudantes, com os debates em aula e, sobretudo, com o processo de construção de conhecimento, onde o ponto de partida de todo e qualquer tema são os saberes prévios de cada sujeito. É relevante destacar aqui o que acredita-se: para que os fundamentos humanistas sejam importantes na prática pedagógica, que é o respeito pelo/ao outro/a, pois só se considera a subjetividade dos sujeitos quando se comprehende que cada indivíduo possui as suas, frutos de vivências pessoais e singulares. Portanto, é indispensável ao professor/a conhecer a história de vida de cada sujeito para entender sua forma de ver e viver no mundo, pois muitas vezes o tempo não o permite, mas é necessário respeitar este entendimento pessoal, essa forma de ver o mundo, para que se possa construir o conhecimento no coletivo e dar condições para que todos se emancipem e se libertem. Segundo Tiburi e Hermann (2014): “Uma Educação como ética seria aquela que não apenas ensina o respeito pelo outro, mas ela mesmo é processo de respeito ao outro.” (p. 23)

Seguindo nesta lógica, onde relacionamos a Geografia Humanista e o Ensino de Geografia, é pertinente reforçar o que Pádua (2013) diz que: “para a geografia, o humanismo seria menos um paradigma ou corrente da ciência geográfica e, mais uma postura ou atitude.” (p. 28) Ou seja, o humanismo na geografia como postura se revela em sala de aula através do respeito às subjetividades, às emoções, aos sentimentos, que se entrelaçam no processo de construção do conhecimento e produz um consenso, que é o objetivo da aula, que através do diálogo e do pensamento se construa algo em comum, talvez respostas, ou quem sabe mais perguntas.

Para Lopes (2010): “fica evidente que a percepção singular/individual de cada pessoa (estudantes), seguida das interações perceptivas organizadas através de atividades elaboradas pelos mesmos, e intermediada pelo professor, devem ser o fulcro de partida para a prática do ensino/aprendizagem.” (p. 35) Portanto, o/a

educador/a é um/a intermediador/a no processo de “ensino/aprendizagem” e não a figura central, detentora da razão, pois como foi dito anteriormente, a razão não é a única constituinte da ideia que a ciência tem do que seja o espaço, o mundo, a sociedade e etc..

2.2. Lugar: o conceito

O conceito de lugar, como qualquer outro conceito, sobrevive em metamorfose e é utilizado por todos repetidamente nos discursos, sem que haja um consenso com exatidão para isso, pois nos parece óbvio seu significado, e mesmo que assim seja, é fundamental discutir o que é afinal o lugar, qual sua dimensão, o que se entende por esse conceito ou categoria tão comumente, amplamente utilizado no ensino de Geografia.

Lugar, segundo o Minidicionário da Língua Portuguesa: “Espaço ocupado; espaço; localidade; cargo; ordem; posição; classe; ponto de observação; circunstâncias especiais; trecho ou passo de livro” (BUENO, 1996, p. 403). Podemos extrair daí inúmeros significados e reflexões a respeito do que é lugar; é um conceito, a partir dessa fonte, muito amplo e com um gradiente enorme de compreensões que deve ser melhor definido para se atingir o objetivo deste trabalho. Mas a partir disso, já pode ser afirmado que esta palavra pode significar não somente algo objetivo, definido e localizado, mas algo abstrato e subjetivo.

Lugar, de acordo com a Geografia Humanista, é o espaço ocupado pelas pessoas, permeado de vivências que conferem afetividade por parte do sujeito que o ocupa. O que o caracteriza como Lugar é a experiência humana carregada de emoções. (CARLOS, 2007)

Yi Fu Tuan (1983) diz que se pode fazer uma analogia entre o sentimento de segurança com o lugar e o de liberdade com o espaço, pois o lugar é dotado de valor e afeto pelos animais (seres humanos e não-humanos), é onde se dorme, come, procria etc. Segundo Tuan (1983), “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.” (p. 01) Segundo este autor a segurança e estabilidade do lugar estão associadas a liberdade e movimento do espaço, um não existe sem o outro, são complementos, e

cada “pausa” do espaço é uma possibilidade de criação do lugar. Ainda segundo o mesmo autor “(...) um lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos (...)” (TUAN, 1983, p. 03).

Carlos (2007) em “O Lugar no/do Mundo” diferencia o lugar, do município, da cidade, da metrópole, dizendo que o lugar é a porção de espaço vivido, dotado de afetividade, apropriado pelo corpo, e sua dimensão pode ser o de uma rua, um bairro ou uma praça, depende do modo como o sujeito se apropria do espaço e o vivencia. Enquanto um município, um bairro, etc. são independentes dessa subjetividade humana, individual e perceptiva, pois são delimitações territoriais políticas. O lugar (e os lugares) é significado pelo uso que dele faz o indivíduo, se não há, é uma rua, uma loja, um campo de futebol. Ninguém vivencia todo o espaço de uma metrópole, portanto ela não pode ser considerada um lugar, mas é constituída certamente de inúmeros lugares. Os espaços são apropriados através do corpo por onde se locomove, trabalha, habita, se distrai, se comunica, se exercita e se tornam lugares, de lazer, de convívio com a vizinhança (mercado, igreja, escola etc.), de estudo, de trabalho, etc. Para Carlos “podemos buscar o entendimento do lugar nas práticas mais banais e familiares o que incita pensar a vida cotidiana segundo a lógica que lhe é própria e que se instala no insignificante, no parcelar, no plural.”(2007, p. 20)

Segundo Pádua (2013): “Todos os lugares são pequenos mundos que dependem da experiência e da emoção humana para se revelarem”. (p. 50). Ou seja, o lugar só existe quando há experiência e emoção dos sujeitos em relação a um espaço, então ele se torna um lugar.

O lugar é reflexo da práxis de dada comunidade no cotidiano, mas também se constitui num processo temporal - ou histórico – local, que é produto dos “componentes universais da história. Isto é, embora na escala local raramente sejam visíveis as formas e conteúdos dos grandes processos históricos, ele ganha sentido por meio deles quase sempre ocultos e invisíveis [...] é no âmbito do local que a história é vivida e é onde pois tem sentido” (MARTINS, apud CARLOS, 2007 p. 20). Portanto, é importante que se considere a dimensão tempo na conjuntura do lugar, pois a história em escala mundial e local interfere no seu processo de constituição. Segundo Lisboa (2007), “cada pessoa terá um lugar diferente da outra, na medida em que ambas possuem vida e cotidiano diferentes. O lugar possui também íntima relação com os aspectos culturais que marcam cada sociedade.” (p. 30)

Ainda segundo Carlos, “o lugar é o mundo do vivido, é onde, se formulam os

problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo onde em que é produzida a existência social dos seres humanos." (2007, p. 20) É o espaço do cotidiano que a sociedade ocupa e vive os conflitos do mundo contemporâneo, aqueles que se revelam como produto da divisão social e técnica do trabalho.

Lisboa (2007), em seu artigo "A Importância Dos Conceitos Da Geografia Para A Aprendizagem De Conteúdos Geográficos Escolares" destaca a importância de trabalhar o conceito de lugar nas aulas de Geografia. Segundo a autora:

O conceito de lugar faz referência a uma realidade de escala local ou regional e pode estar associado a cada indivíduo ou grupo. O lugar pode ser entendido como a parte do espaço geográfico efetivamente apropriada para a vida, área onde se desenvolvem as atividades cotidianas ligadas à sobrevivência e às diversas relações estabelecidas pelos homens. (...) O lugar significa muito mais do que simplesmente uma localização geográfica, ele está relacionado aos diversos tipos de experiência e envolvimento com o mundo. " (LISBOA, 2007, p. 29 e 30).

Acredita-se então que seja importante trabalhar nas aulas de Geografia com conceitos, relacionando termos geográficos e cotidianos usuais com os significados que se dá na geografia acadêmica, como: lugar, espaço, território, região etc., e estabelecer significados para que todos estejam se referindo a mesma coisa quando houver debates e problematizações, tornando o momento de aula como um espaço de construção do conhecimento científico e não o senso comum.

A partir desse processo de construção e análise dos conceitos geográficos, podem-se enriquecer as discussões em sala, como por exemplo, numa discussão sobre o êxodo rural e a necessidade de reforma agrária no Brasil, pode-se trabalhar a ideia e o conceito de Lugar no sentido de que os trabalhadores que foram excluídos de suas terras possuíam laços afetivos como temos com nossos lares, e dessa forma pode-se compreender melhor os modos de produção, a industrialização, a espacialização do trabalho e a divisão social e técnica do trabalho, a mecanização no campo, os problemas rurais e urbanos e diversos temas de caráter humanistas. Desse modo, sem impor ideologias, desmistificando o que se vê na mídia por um ângulo, ampliando-se as perspectivas, emancipando intelectualmente estes sujeitos e propiciando um processo de pensamento através da construção de conhecimento.

2.3. Geografia do Lugar

A relevância de se compreender as implicações que tem o Lugar na vida dos estudantes é maior do que ensiná-los o significado do conceito, pois cabe ao educador geográfico reconhecer os lugares aos quais pertencem os sujeitos que dividem a sala de aula. A partir de suas realidades, dos espaços que percorrem no cotidiano, é possível construir conjuntamente o processo do conhecimento, partindo do pressuposto de que a Geografia só faz sentido se for sentida, vivida, experimentada e, acima de tudo, compreendida. De nada serve uma Geografia que não incite o pensamento, a emancipação e a libertação. O objetivo da Geografia do Lugar no ensino de Geografia é tornar o processo educativo mais democrático e inclusive transformador, pois ao reconhecer as desigualdades impostas como antidemocráticas, inexoráveis e excludentes é possível além de pensar, agir, unir a teoria com a prática. Neste sentido, a Educação geográfica também vem possibilitando um pensamento para si mesmo, uma reflexão pela conduta, pela ética, visto que as atitudes do cotidiano se refletem num contexto maior, na sociedade e dinâmica capitalista, e vice-versa. De acordo com Santos:

O estudo do lugar como ponto de partida no ensino de Geografia pode ser muito significativo, uma vez que vai tratar de um espaço particular do aluno, mas que está imbricado de relações mais amplas, que pode revelar muito sobre outros contextos, além de possibilitar um auto-reconhecimento do aluno, um encontro com a sua cultura, com o seu dia-a-dia" (SANTOS, 2010, p. 70).

Visto que, a maioria dos conteúdos tratados nesta disciplina podem ser localizados geograficamente, então, partir da noção de lugar tratado no subcapítulo anterior, permite ao ensino da geografia, como um todo, ser melhor compreendido, e trazer mais possibilidades de pensamento, reflexão e ação. Como foi dito anteriormente, a Geografia é uma ciência da sociedade e para sociedade, é atual e é real, portanto deve ser acessível, sem a complexidade que se costuma atribuir às ciências, ao meio intelectual. A Geografia é cotidiano e se faz com os pés, ou melhor, com todos os sentidos.

O termo Geografia segundo o Minidicionário da Língua Portuguesa (BUENO, 1996) significa: "Ciência que estuda a Terra na sua forma, acidentes físicos, clima, produções, populações, divisões políticas, etc." (p. 323).

Geografia é, portanto, muito genericamente e superficialmente, o estudo da

Terra em relação a tudo que nela se expressa, incluindo as formas (geomorfologia), os climas, os animais e as pessoas.

Se lugar, como foi visto no subcapítulo anterior, é uma porção de espaço dotado de valor, de experiências, vivências e afetividades, ou seja, apropriado pelo ser humano através do uso para atividades básicas como moradia, alimentação, lazer e trabalho, pode-se afirmar que a Geografia do Lugar é baseada no estudo desta determinada porção do espaço. Entretanto, a subjetividade do conceito confere um desafio a esta atividade, pois, para descrever um lugar, estudá-lo, precisa-se ir além dos elementos físicos e daquilo que é visível, palpável, mais que isto, é preciso destacar elementos que fazem parte da subjetividade dos sujeitos que habitam este lugar, este ambiente em sua totalidade que são objetos de afetividade, portanto fazem parte do lugar em sua essência.

O lugar é extremamente mutável, ele está relacionado não apenas ao uso que dele faz o ser humano, mas ao momento histórico que vive este indivíduo, as condições sociais, econômicas e políticas impostas ao sujeito. Ele é fluido, escorre pelas tentativas de descrição. A geografia do lugar é apenas o caminho, não está dada, independente de quantos estudos se faça, ela serve para isto, para levar adiante, para se pensar. Se o lugar não é delimitável, sua geografia também não é. De acordo com Bartoly, “o lugar é definido a partir das relações que mantém com a totalidade, a qual seria manobrada pelo movimento histórico do capitalismo”(2011, p. 68). Se o lugar é definido a partir de relações com a totalidade, o qual é completamente incognoscível, manobrada por um movimento, ou seja, algo instável, em processo de consolidação, de um sistema de produção, portanto, o lugar é passível de definição conceitual, mas não de definição espacial independente do tempo, só pode ser definida se o tempo for estagnado.

A realidade, ou o espaço que está dado, é visto pelo indivíduo através de uma perspectiva, única, que é o produto de fatores como experiência, pensamento e sentimento (TUAN, 1983). O lugar, portanto, é este produto, sob esta perspectiva. Tomo como ponto de partida a ideia de que não existe uma realidade absoluta e universal. O lugar com toda sua singularidade: é múltiplo, tanto quanto a quantidade de pessoas que o utilizam. De acordo com Tuan, “experenciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento” (1983, p. 02).

A realidade tomada pelo empirismo e pela ciência de forma geral é então, segundo o que se pode compreender a partir da citação de Tuan, um constructo da experiência de um grupo social, um consenso, e não a dos sujeitos, a partir de suas perspectivas. É por este motivo que pergunto aos estudantes, os observo e os ouço para saber de que maneira percebem o mundo, seus mundos, o seu cotidiano. Certamente, suas realidades são diferentes, não importa o quão semelhantes sejam os sujeitos. Os lugares aos quais pertencem são repletos de variáveis que fazem deles únicos, irrepresentáveis, irreproduzíveis, mesmo que se trate de um único espaço de extensão pré-estabelecida.

O conhecimento é um processo, sempre em construção, não está dado, pronto, pois o que está imutável é a informação pronta que nos é vendida, comercializada, pela mídia, pelo marketing e etc. Neste ínterim, pensar é fundamental, é elemento primordial no processo de construção do conhecimento. Sendo assim, o docente tem um papel importante como problematizador destas questões que circulam na sociedade. Caso não cumpra com este papel, será apenas um mero transmissor de conhecimento e de informação, a serviço do capitalismo voraz que comercializa informações, reproduzor do método tradicional da Educação para a alienação e mercado de trabalho. O oposto dessa forma de ensino é o processo de produção do conhecimento, onde de forma conjunta, tomando como ponto de partida informações, pensamentos e experiências o educador conduz a aula para um objetivo, o aprendizado, o pensamento emancipado dos estudantes e de si mesmo. Algumas informações são indispensáveis de serem reproduzidas, pois são dados, mas mesmo assim devem ser questionadas e compreendidas com o pensamento e não somente a mera memorização. É por isto que a Geografia do Lugar se faz importante e pertinente, trata de uma realidade relativa e subjetiva, que somente pode ser compreendida a partir do processo de construção do conhecimento, pois a simples informação não dá conta da inconsistência da realidade, a informação é concreta, o conhecimento é abstrato, apesar de poder conduzir para atitudes práticas também concretas.

A Geografia do Lugar sob uma perspectiva do ensino de Geografia Humanista permite ao/a educador/a utilizar metodologias que valorizem o saber prévio dos/as estudantes, partindo daquilo que é conhecido, que faz parte do cotidiano, e permite que o processo de construção de conhecimento seja conjunto e não individual, autoritário, que valoriza somente os saberes do/a educador/a. Ao estudante cabe

participar dialogando com todos sobre seu cotidiano e seus saberes. Ao/a educador/a cabe possibilitar a fala de todos e valorizar os saberes prévios, considerando que não há apenas uma perspectiva de mundo, de sociedade, mas vários modos de ver o mesmo mundo.

Vale ressaltar que a Geografia do Lugar no ensino de geografia leva em conta as afetividades, o que pode variar um pouco a ideia que cada estudante tem da mesma cidade, ou bairro por exemplo. Cabe então, trabalhar o conceito geográfico de Lugar de maneira ética, para que a Geografia eduque não somente para o pensamento, mas também para a postura.

Não faz sentido estudar qualquer conteúdo sem que ele seja trazido para as realidades próximas e contextualizado, dado a ele algum valor humano, social, para que seja utilizado na vida real com seres humanos. Acredita-se que os temas devem ser abordados com algum objetivo significante para os sujeitos. Esta é uma possibilidade inerente à Geografia, pois ela lida com aquilo que é cotidiano, vivido. E é por isso que a abordagem deve levar em conta esta proximidade com a realidade, cabe ao professor/a mostrar as relações dos conteúdos com a vida dos sujeitos que participam da aula, ou ao menos, a relação dos temas com os espaços vividos pelos/as estudantes.

O modelo de Educação que acredita-se ser fundamental para todos só pode existir se contribuir na melhoria de vida dos/as estudantes, se permitir um pensamento autêntico que leve à postura ética e transformadora num contexto de sociedade que clama por melhores condições de existência. O ensino de Geografia é visto por nós como potencial ferramenta de libertação e emancipação intelectual e política, sobretudo da grande parcela da população marginalizada e oprimida pelo sistema de produção capitalista.

3 - AULAS DE GEOGRAFIA DO INTEGRAR: O ANO DE 2015

Nesta parte do trabalho vamos apresentar as aulas de geografia do Integrar a partir das observações que foram feitas no decorrer do ano de dois mil e quinze, levando em conta e trazendo as narrativas dos/as estudantes, de modo que o leitor possa apreender um pouco das relações educador/a- estudantes, a metodologia adotada a partir do conteúdo trabalhado, a postura dos/as educadores/as e outras características que compõem o ambiente e a essência de uma aula.

Na segunda parte, após as observações e narrativas, vamos analisar o questionário aplicado na turma de extensivo do Integrar, composto por três questões fechadas e duas abertas.

3-1- Observações e Narrativas

Iniciamos o primeiro semestre de dois mil e quinze participando das aulas de sexta-feira a noite no Integrar, observando durante todo o período de três horas as aulas de ciências humanas, que incluem Geografia, História, Sociologia e Filosofia.

Desde o primeiro dia de observação constatei uma estratégia de discurso, nos mais diversos educadores/as, que é a motivação. Importante por vários motivos, mas em especial pela facilidade com que os/as estudantes desistem do curso, visto que as dificuldades da vida muitas vezes acabam falando mais alto. Estes discursos motivacionais aconteciam muitas vezes sutis, durante uma explicação do conteúdo, de debate, mas em alguns momentos era claro e objetivo: *“Não desistam, vocês vão conseguir entrar na universidade”*.

No início do curso as salas ficavam cheias, muitos esperançosos e repletos de expectativa, mas no decorrer das semanas, observei um enorme índice de evasão, superando os 50%.

Por este motivo, no primeiro momento em que tem contato com a disciplina de Geografia os educadores propõem uma apresentação de todos os sujeitos, de forma oral e escrita, para que além da integração e compartilhamento, as aulas possam ser planejadas pensando no contexto de cada turma. Trago então alguns fragmentos das

falas dos/as estudantes desta apresentação¹²: “*Eu odiava política, agora eu gosto por causa do Integrar*”, disse um rapaz que está cursando seu segundo ano no Projeto. Outro falou: “*Quero ser professor aí na frente, professor do Integrar. Eu quero fazer alguma diferença na sociedade.*” Um homem negro, alto, forte disse: “*Tive problemas com a lei, não quero ser uma má influência para minha comunidade. Sou um líder na minha comunidade*”. O próximo fragmento que trago foi comum em mais de cinco narrativas e por isso quero destacar que não teve unanimidade na cor da pele, na cor do cabelo, no gênero, no modo de falar; “*Eu pretendo ser o/a primeiro/a da minha família a entrar na faculdade*”.

Desde os primeiros dias de aula a questão do gênero no Integrar me chamou atenção, tanto nas aulas, em que os educadores procuram desestruturar paradigmas machistas construídos historicamente e culturalmente, como na quantidade de mulheres na sala (aproximadamente 60% da turma inicial), que em todos os dias que estive presente, nas aulas de sextas-feiras, elas eram maioria. Neste contexto trago a fala de uma educanda em sua apresentação no primeiro dia de aula: “*Eu não trabalho, cuido da minha mãe que é paraplégica. Quero ser médica e fazer ela voltar a andar.*” Esta narrativa é carregada de significados e permitiu muita reflexão, no sentido de pensar que cuidar de uma pessoa paraplégica não seria trabalhar. Se a estudante não o considera, isso provavelmente tem relação com a sua cultura, Educação e etc, que fazem-na acreditar nisto.

Uma outra jovem, aparentando ter cerca de 20 anos, disse: “*Quero quebrar os paradigmas mundiais... Quero contar a história de quem perdeu porque a história contada é a de quem ganhou. Quero me formar em física e elaborar teorias que unem a espiritualidade e a ciência, por que a gente precisa disso*”. Seguindo no ponto de vista da narrativa anterior podemos identificar aqui outro plano de vida, “elaborar teorias... por que a gente precisa disso”, ou seja, desejo de mudança e pensamento no coletivo e não individual.

Outra jovem se apresenta e no fim de sua fala diz: “*O Integrar é uma porta, porque eles não abrem as portas pra gente, né?*” Se referindo à sociedade exclusiva da qual já falamos no capítulo anterior. “As portas” aqui significam as possibilidades que os/as trabalhadores/as não conseguem ter, portas que não se abrem sem um espaço educativo que os auxilie na entrada para o ensino universitário.

Estas falas revelam o desejo em comum destes sujeitos, viver uma vida melhor

¹² As falas dos estudantes que são trazidas neste trabalho estão em modo itálico.

do que a que se tem hoje, conquistar uma vaga em uma universidade pública. Alguns deixam claro que querem ajudar suas famílias e ser exemplo para outras pessoas, etc.

As aulas acontecem às vezes com mais de um educador ao mesmo tempo, um complementando o outro, às vezes com apenas um ministrando, mas geralmente há uma complementação entre os temas tratados. Por exemplo, em uma aula de história (a primeira da noite) foi falado sobre Revolução Industrial, na segunda aula também de história, foi tratado sobre a Revolução Francesa e a última deste dia, de geografia, o tema foi População, a questão das teorias populacionais criadas na Europa no período das revoluções tratadas anteriormente. Dessa forma, o assunto não fica fragmentado, existe uma rede de ideias conectadas entre si muito claramente. Os/as estudantes conseguem discutir pensando em tudo que conversaram durante a noite.

Uma característica presente na atuação de todos os educadores de sexta-feira, é o humor. Um traço muitas vezes pessoal, mas também visto por mim como estratégia, uma forma escolhida de fazer uma aula ser mais interessante, de manter os estudantes atentos, concentrados e interessados, para tornar o momento dinâmico, agradável e descontraído. Não há formalidades, nem rigidez, mas há muito respeito. Também há muita divergência de ideias, de pensamentos, mas existe um clima de discussão e aprendizado com estas diferenças, ainda que muitas opiniões continuem as mesmas, por vezes enrijecidas.

Outro ponto importante de ser citado é a forma de tratar um tema pelos educadores do Integrar. Muitas vezes as aulas são iniciadas com apresentações de algum acontecimento que tenha sido exibido na mídia, ou algo que esteja em alta nas conversas cotidianas, ou até mesmo algo que conhecemos pouco e os educadores querem desmistificar, desbanalizar, como por exemplo, os grupos indígenas. Em uma determinada aula de história, o professor começou discutindo sobre a forma de organização das comunidades indígenas, de uma maneira geral, sem entrar nas especificidades de cada grupo, depois ele entrou no tema de teorias de contrato social, os três poderes e etc. Em determinado momento, chegou ao ponto de perguntar para a turma (provocando automaticamente o pensamento autêntico): “*Os indígenas não trabalham o dia todo, não lutam pelo dinheiro como nós, são saudáveis, tem tempo para descansar nas redes, tem suas famílias, não enriquecem nenhum patrão, enquanto nós, trabalhamos o dia todo, não descansamos, e ainda os consideramos inferiores, não-civilizados, mas quem será vive melhor, quem é mais*

inteligente?” Dessa forma, além de tornar o conteúdo mais claro, de mais fácil compreensão, se desconstrói ideias enrijecidas a respeito daquilo que não conhecemos de perto, que ouvimos falar, pela televisão, pela escola, como é o caso indígena. Podemos dizer que o Integrar traz novas perspectivas. Diferentes daquela que temos desde a infância, a mesma da TV, da escola, do senso comum (que permeia o saber popular dos nossos lugares).

O professor de Geografia quando trata de temáticas ligadas a geografia humana, mais frequentes no Integrar que tratam muito de atualidades, costuma dizer aos estudantes que não copiem do quadro para o caderno tal qual o professor escreve, mas que pensem e escrevam a sua maneira no seu caderno, pois isto faz com que o/a estudante pense, reflita e não apenas reproduza. Na imagem da figura 01 vemos como fica o espaço do quadro chegando ao final da aula de geografia, o que parece uma confusão, na realidade está muito claro na mente de quem participou de toda a discussão.



Figura 01- Aula de Geografia Humana na turma de extensivo do INTEGRAR.

Fonte: arquivos da autora. Agosto de 2015.

Em uma das aulas de geografia acompanhada ainda no primeiro semestre de 2015 o professor fala sobre alguns movimentos populares, como dos sem-teto, dos exemplos de resistência, de ativismo, militância, e com muita veemência defende a luta dos trabalhadores por seus direitos. Noto com isso que a turma fica mais participativa, mais alerta, e mais interessante. Alguns comentários revelam isso: “*O Estado funciona pra Elite*” e “*Ordem pra nós, progresso pra eles*”.

Os educadores de todos os componentes curriculares que lecionam nas sextas-feiras costumam recomendar filmes e livros que se relacionam com o tema da aula. Incentivam o uso destes materiais como forma de estudo também.

Ao fim de uma das aulas que tratava sobre o tema: “América, colonização, escravidão, posse da terra, exploração, independência, revoltas e etc.” o professor falou: “*Um outro mundo é possível*”. Se referindo à possibilidade de mudarmos nossa realidade atual, visto todas as conquistas que já houveram na história com a luta de povos oprimidos. E aí um estudante complementa: “*Um outro mundo já existe*”.

Percebo no decorrer das semanas que a sala fica cada vez mais vazia. E a diferença de gênero só se acentua. Cada vez menos homens e mais mulheres. Cada vez menos participação nas aulas, muitas feições de cansaço e desânimo. Os educadores, entretanto, se desdobram para que as aulas sejam dinâmicas e participativas para agitar a turma. Os educadores trazem para a sala as notícias sobre a luta do Integrar pelo direito dos estudantes ao passe estudantil, os convocam para participarem dessa busca por direitos. Detectamos nas conversas e observações que muitos desistem, entre outros motivos, pelas dificuldades financeiras em se manter toda noite com a locomoção para o IEE.

Uma determinada aula se inicia com um questionamento de um estudante sobre um tema em alta na mídia: a terceirização. Partindo daí a aula foi dedicada inteiramente ao tema de atualidade sobre a questão da política brasileira. Inclusive, foi discutido o passado recente da política brasileira, outros partidos no poder, a atuação do Congresso, etc. Enquanto era explicado sobre o conceito da terceirização alguns comentários surgiam como: “*Mas parece com trabalho escravo!*” e “*Como assim perderemos o direito a greve?!*”. Estas aulas são sempre muito participativas, com muito debate e construção de conhecimento no coletivo. Percebo que quando se trata de temas atuais, que estão em pauta e na mídia, os estudantes ficam mais atentos, ninguém dorme, ninguém toca no celular, mal piscam os olhos. O professor incita a ação, a luta, e o conhecimento dos direitos a partir da leitura da Constituição Federal. Ele utiliza uma linguagem comum a todos, fácil, acessível, cita o facebook: “*Vamos escrever mais, chega de só curtir e compartilhar*”.

Em uma outra aula de geografia foi trabalhado temas ligados aos Estados Unidos e seu imperialismo, o que claramente levou a discussão sobre diversos outros países no mundo. Posteriormente, chegou-se a questão de Cuba e as diferenças entre Capitalismo e Socialismo, temática que havia sido trabalhada na aula anterior,

de história. Era possível perceber entre os estudantes uma sensação de desconfiança, pois sempre ouviram na mídia que Cuba era um país sem liberdade e ruim para viver. Um estudante questiona: “*Mas não é injusto eles não terem internet e dessa forma não terem acesso a informação?*” Essa pergunta me leva a pensar na efetividade do método de ensino de geografia aplicado no Integrar. Vejo que o objetivo de propiciar o questionamento, a reflexão, o pensamento autêntico é alcançado. O professor então responde: “*No mundo capitalista, no Brasil, e em outros países, nem todos tem acesso à internet*”.

No final do primeiro semestre me deparo com uma turma pequena e resolvo contar quantas pessoas têm do sexo masculino e feminino, chegando ao resultado de dezenove mulheres e sete homens. É claro que houveram faltas neste dia, a turma de fato era maior, mas mesmo assim pode-se refletir sobre o enorme gradiente de gênero. Neste mesmo dia a aula de geografia física seria dada por uma professora que iria utilizar o projetor multimídia. Ela não conseguia fazê-lo funcionar e os estudantes foram ajuda-la até que o aparelho funcionasse. Então registrei em meu caderno: “Alunos proativos e cooperativos, juntos vamos mais longe e somos mais fortes”.

Neste mesmo dia houveram duas aulas seguidas de geografia física, mas com educadores diferentes. Ambos utilizavam exemplos cotidianos para explicar o conteúdo, brincavam, faziam piadas, e no começo os estudantes ficavam atentos, mas com o tempo acabavam se distraindo, muitos bocejos, feição de cansaço. Penso que isso ocorre por diversos motivos, o conteúdo não permite debate nem discussão, ele precisa ser passado, pois cai no vestibular e este é o principal objetivo dos estudantes para este ano. Além de que estas aulas acontecem sexta-feira à noite, um momento de acúmulo do cansaço do dia e da semana, muitos estão pensando no fim de semana, no descanso com a família, inclusive eu.

Fim de semestre, últimas semanas para as férias de inverno, e justificando um dos eixos de atuação do Integrar, o de formação de educadores, a aula seria ministrada por um estudante da UFSC do curso de Geografia. O tema foi “Territorialização Americana”. O educador coordenador de Geografia do Integrar esteve presente e ajudou nos momentos em que a turma estava um pouco dispersa. Ajudou no sentido de mexer com os estudantes, fazendo perguntas, falando com um tom de voz mais alto, para acordá-los.

A última aula do semestre foi com o professor de geografia claramente doente,

rouco, com aspecto de cansado, mas sua aula foi como qualquer outra que costuma ministrar. Usando um tom de voz alto, fazendo piadas, trazendo exemplos de nossas realidades, criticando a burguesia, falando sobre a formação da classe operária. Seu discurso, mas mais do que isso, seu exemplo, mostra aos/as estudantes a necessidade de luta e reivindicação. Mesmo sem remuneração, sexta-feira à noite, doente, o educador estava lá trabalhando em prol de uma mudança na sociedade. Percebo que os/as estudantes se atentam a estes detalhes. Eles respeitam e gostam deste professor, de suas aulas, o admiram. Isto fica claro pela postura, pelas falas, comentários, olhares etc. Detalhes muito sutis que com um olhar atento conseguem me ater.

A questão da neutralidade do professor não existe nas aulas de geografia humana no Integrar. Acredita-se que esta neutralidade não existe, pois o próprio ser humano tem crenças e pensamentos a respeito do que estuda e ministra. Por isso, de forma positiva afirmamos que os educadores do Integrar se posicionam frente às questões tratadas em aula. Posicionam-se, e não impõem suas perspectivas dos fatos como única e verdadeira.

Iniciamos o segundo semestre com uma turma de quarenta estudantes, uma redução imensa em relação ao começo do ano letivo, que eram cento e trinta e quatro. Percebo que os estudantes vêm com mais disposição, talvez mais renovados com a semana que tiveram de folga.

Iniciaram neste segundo semestre duas novas turmas, de semi-extensivo, com oitenta estudantes.

Na aula sobre “migração” aconteceu um grande debate, uma conversa, onde vários deles falaram sobre suas experiências como migrantes, e pensamos juntos sobre a questão das migrações em massa que acontecem atualmente para Europa, a vida de refugiados de zonas de conflitos e etc. Acredito que todos refletiram sobre temas atuais que vemos na televisão, como emigrações de haitianos e suas imigrações no Brasil e etc.

Desde que voltamos de férias noto uma participação maior nas aulas. Talvez a proximidade do vestibular esteja estimulando os/as estudantes, deixando-os/as mais focados neste objetivo.

Outro tema muito tratado nas aulas de geografia foi “crise atual nos países europeus”, assim como o “estado de moratória da Grécia”, “a situação social da Síria, Egito, Líbia” e etc. O professor inicia a aula com questionamentos que faz os

estudantes ficarem empolgados quando compreendem algumas relações entre os temas. Por exemplo, quando foi perguntado: “*Por que a Noruega não está falida como Itália, Portugal, Espanha.. etc.?*” Ninguém soube responder. Então o professor falou sobre a União Europeia e claramente muitos foram fazendo a relação e arriscando falar as razões da Noruega não estar em crise. Até que se chegasse a um consenso sobre esta situação.

Enfim, são muitas aulas e para cada uma diversos temas que são abordados, muitos assuntos que surgem com a participação da turma e debates mostrando as diversas facetas do ensino de geografia e da Educação geográfica. Seria impossível transmitir todas as minhas reflexões neste ano de observação e participação no Integrar. Foram muitos momentos de tranquilidade, aflição, reflexão, surpresa, ansiedade, etc. que me permitiram registrar de diferentes formas aquilo que eu sentia a partir das vivências. O cansaço pode ter feito, muitas vezes, eu perder detalhes sutis de algumas situações, passar despercebido uma fala, uma pergunta. Mas que de alguma forma também foi importante para que eu pudesse levar em conta, de forma significativa, o que os estudantes passam estudando no Integrar. O cansaço, o sono, a exaustão dos estudantes trabalhadores são inimigos número um do ensino de geografia no Integrar, é o que os educadores tentam combater com muita luta, e nem sempre conseguem vencer.

Para encerrar este subcapítulo trago algo que felizmente aconteceu comigo e estou tendo a oportunidade de publicizar neste trabalho. Estava no ônibus num dia de muita chuva indo para o IEE observar e colaborar na aula de geografia daquele dia, quando um rapaz que estava ao meu lado, e eu nem havia notado que era um estudante do Integrar, falou comigo: “*Oi, você é professora do Integrar, né?! Eu sou aluno.*” Então fomos conversando sobre o Integrar até a escola. Entre outras coisas ele disse: “*Sexta-feira é o melhor dia lá, eu nunca faltô, mesmo em dia de temporal como hoje. Minha mãe nem acredita que eu saio de casa toda sexta-feira à noite para ir para aula... É muito legal... Eu tenho vergonha de quem eu era antes, das coisas que eu falava, eu não acredito que eu pensava antes daquela forma. Mesmo que eu não passe no vestibular, já valeu muito a pena...*”.

Acredito que este relato, que por pura coincidência aconteceu, foi um grande privilégio para mim e para o Integrar, pois este mesmo estudante não escreveu isso no seu questionário, talvez por se sentir mais à vontade falando do que escrevendo. Ainda que ele não represente todos/as os estudantes do Integrar, é um caso de

sucesso para os nossos objetivos e ações.

3-2- Análise dos questionários

Como já foi dito na introdução desta parte do trabalho, a pesquisa foi realizada através de um questionário com três questões fechadas e duas questões abertas, sendo a última das abertas opcional.

Elaboramos este questionário no segundo semestre de dois mil e quinze, e foi aplicado no mês de outubro deste mesmo ano. Neste dia vinte e nove estudantes responderam o questionário.

A análise dos questionários será iniciada com as questões fechadas, dessa forma faremos uma análise quantitativa primeiramente, dando uma ideia do panorama encontrado pela pesquisa. Posteriormente, será analisada as duas questões abertas.

A primeira questão e seus respectivos resultados foram:

1- As aulas de geografia do Integrar influenciaram em sua forma de pensar o mundo, a sociedade?

Completamente, vejo o mundo hoje de outra forma bem diferente.	11
Bastante, em vários aspectos mudei o pensamento.	14
Regular, em poucos aspectos mudei o pensamento.	04
Não, continuo vendo o mundo exatamente sob o mesmo ponto de vista	00

Tabela 01 – Resultado parcial da pesquisa: questão 01

A partir do resultado contido nesta tabela de número um podemos afirmar que dos vinte e nove estudantes que participaram da pesquisa, a maioria – quatorze – afirmam que as aulas de geografia do INTEGRAR influenciaram em sua forma de pensar o mundo e a sociedade “Bastante”, pois em vários aspectos mudou-se o pensamento.

Em segundo lugar, onze estudantes afirmaram ter mudado seu pensamento completamente em relação ao mundo e sociedade, decorrente das aulas de geografia

vivenciadas no Integrar. Quatro estudantes afirmaram que esta influência foi regular, pois em poucos aspectos mudou-se o pensamento. E, por último, nenhum estudante afirma não haver mudança no pensamento.

Consideramos um resultado importante e significativo, pois todos os estudantes passaram a pensar o mundo e a sociedade de outra forma, ainda que quatro afirmam que a mudança foi pequena. Diante disso, acredita-se que as aulas de Geografia têm contribuído para uma mudança de pensamento nos estudantes. Provavelmente, isso está relacionado aos espaços de diálogo e reflexão a respeito do mundo que vivem. Mas temos que destacar que talvez muitos já tivessem uma ideia crítica e reflexiva do mundo antes mesmo de entrarem no Integrar.

A segunda questão e seus respectivos resultados foram:

2- As aulas de geografia do Integrar influenciaram em suas atitudes no seu cotidiano?

Completamente, mudei de atitude e discurso em relação a coisas que não concordo mais.	08
Bastante, tenho atitudes hoje mais conscientes.	17
Regular, em alguns momentos sinto necessidade de mudar de atitude.	04
Não, não mudei minhas atitudes em nenhum aspecto por causa das aulas de geografia do Integrar.	00

Tabela 02 – Resultado parcial da pesquisa: questão 02.

Nesta segunda questão do questionário, referente as atitudes que supostamente foram influenciadas pelas aulas de geografia do Integrar na vida dos estudantes, podemos afirmar que a maioria deles, dezessete, respondeu que foram bastante influenciados, e passaram a ter atitudes mais conscientes. Em segundo lugar, oito estudantes afirmaram terem sido influenciados completamente, pois mudaram de atitude e discurso em relação a muitas coisas. Em terceiro lugar, quatro estudantes afirmaram que a influência foi regular, pois em alguns momentos sentem necessidade de mudar de atitude. Nenhum estudante revelou não haver influencia nenhuma em suas atitudes.

Consideramos um importante e positivo resultado, visto que todos afirmaram ter mudado de atitude em alguma intensidade por causa das aulas de geografia do Integrar. Vemos que o Integrar não provoca apenas a reflexão e o pensamento, mas

a ação em decorrência deste ato cognitivo, abstrato e etc.

A terceira questão e seus respectivos resultados foram:

3- As aulas de geografia do Integrar influenciaram na sua relação com o trabalho?

Completamente, penso e atuo no meu local de trabalho de outra forma bem diferente.	09
Bastante, penso e/ou atuo hoje de outra forma um pouco diferente.	12
Regular, penso e/ou atuo, algumas vezes, pouco diferente.	06
Não, minha relação com meu trabalho continua exatamente a mesma, independente do Integrar.	02

Tabela 03: Resultado parcial da pesquisa: questão 03.

Percebe-se que na terceira questão, doze estudantes responderam que as aulas de Geografia influenciaram bastante na sua relação com o trabalho. Nove responderam que as aulas influenciaram completamente. Entretanto, nesta questão diferentemente das anteriores, destacam-se respostas “não”, ou seja, não houve mudança, neste caso nas relações com o trabalho dos estudantes. Sendo seis estudantes respondendo uma influência “regular”, pouca mudança, e dois responderam que “não” aconteceu mudança nas relações de trabalho com as aulas de Geografia.

Acredita-se que a mudança na relação com o trabalho é mais difícil do que uma mudança no pensamento e atitudes como um todo, pois as relações de trabalho no sistema capitalista tendo como perspectiva o/a trabalhador/a, envolve uma relação vertical, ou seja, de cima para baixo, muitas vezes autoritária e coercitiva. A mudança por parte da classe subalterna sem articulação coletiva, neste caso os trabalhadores, muitas vezes pode resultar em demissão e isso é o que leva a massa de empregados terem receio em questionar, exigir, reclamar e etc.

Após estas questões fechadas, foram colocadas duas questões abertas, sendo uma opcional, a de número cinco.

Para fazermos uma análise dessa parte do questionário, onde as respostas são discursivas, portanto muito amplas e repletas de especificidades e peculiaridades, de acordo com o que cada estudante respondeu, optamos por trazer

aquelas que mais nos chamaram atenção, que possuem diferentes enfoques, para não mascarar, nem ocultar, nenhum dado desta pesquisa. Fizemos esta escolha na questão de número quatro, pois todas as pessoas a responderam e não seria adequado apresentar todas elas. Enquanto a questão de número cinco foram apenas sete respostas.

4- Como as aulas de Geografia do Integrar influenciaram/influenciam no seu modo de ver e compreender o mundo (sociedade, relações de trabalho, lugar de moradia, de lazer, etc.)?

Traremos agora aquelas respostas que se destacaram ao olhar da pesquisadora e através de uma reflexão sobre elas.

“Fortaleceu aquilo que eu já acreditava, me tornando uma pessoa mais questionadora”. Esta resposta revela que as aulas de geografia do Integrar vieram fortalecer suas ideias, não modificando intensamente sua compreensão do mundo.

“Não temos que aceitar tudo que nos é imposto, temos direitos e devemos lutar por tal. Vivemos em uma sociedade desigual, a qual quem tem forte poder econômico acaba vencendo, e que temos que mudar essa situação. Me fez parar para analisar, no meu trabalho por exemplo, o porque as pessoas abusam do poder e como as pessoas acabam se achando inferiores por não terem um diploma. Não podemos pensar que somos inferiores, julgar menos as pessoas e tentar compreender o porque elas se encontram em determinadas situações. O Estado não atua como deveria”. Esta escrita revela que, apesar de não responder se houve ou não houve mudança, nem de que forma houve uma suposta influência no pensamento e no modo de ver o mundo, notamos pelo texto que a resposta foi qual o modo de ver o mundo.

“Que não devemos pensar somente em nós, temos que viver em sociedade”. Vemos aí uma prova da concretização da proposta de ensino de geografia do Integrar, que é de desenvolver uma consciência de mobilização pela coletividade contra o individualismo, que se traduz no pensamento deste sujeito.

“Influenciaram para compreender a sociedade de forma como ela é jogada na mídia, as pessoas estão cada vez mais sendo robôs, como lutar pelos direitos, se ao menos buscamos, que tal ler ao invés de mandar aquelas mensagens desnecessárias.” Pode-se compreender que a influência das aulas de geografia do Integrar está ligada a conscientização perante a manipulação midiática e a luta pelos direitos pela não-alienação, para que as pessoas não sejam “robôs”.

“Antes de interagir com as aulas de geografia, não entendia nada! Hoje vejo o quanto é importante esta matéria. Pois fala de tudo que nos cerca, foi assim que percebi que olhar o próximo faz toda diferença”. Esta resposta revela que as aulas de Geografia cumprem seu papel. São interativas, e não unilaterais, tornando muito mais fácil a compreensão e a consciência da importância desta área do conhecimento, uma ciência tão cotidiana. De acordo com o que foi falado, em nosso referencial teórico, a compreensão de conteúdos geográficos está ligado ao diálogo, ao debate, a construção de conhecimento em parceria com o outro.

“Me coloco mais nos lugares das pessoas, no trabalho eu me coloco mais em discussão de salário, atividades etc. Me fez entender o que leva a pessoa pensar daquele jeito em determinado assunto”. Destacamos esta resposta pela menção as relações de trabalho, e sua mudança de atitude e não apenas o pensamento. A luta através de discussões sobre condição salarial, atividades exercidas, é algo de fato muito reforçado nas aulas de geografia, e vemos que tem dado resultado através deste sujeito que mudou sua atuação no local de trabalho, que foi influenciado por uma conscientização promovida pelas aulas dialógicas de geografia.

“Sim me influenciaram bastante como por exemplo a crise, me abri mais, escuto outras opiniões, digamos a interação para com as pessoas, assim como o porque como acontece enchentes aqui; granizo ali; calor de 40°C lá por aí vai... Abriu mais minha mente mas não só a geo assim como hst; soc; filo; pois tudo está tudo junto e misturado”. Este estudante mostrou como de fato ocorre a interdisciplinaridade do Integrar. Os sujeitos conseguem ver e fazer as relações entre os conteúdos das diferentes disciplinas, e de fato compreendem que tudo está “junto e misturado”. Além disso, podemos apreender desta resposta um desenvolvimento da postura em relação ao outro, ao respeito no ato da comunicação para que se estabeleça um diálogo, da mesma forma que este sujeito presencia e participa das aulas de geografia do Integrar. É interessante vermos como a Educação em sala de aula se dá de diversas formas, através de diversos meios, neste caso pela observação de todo o contexto, pelas atitudes dos/as educadores/as.

“Agora eu consigo olhar pra pessoas, pensando em sociedade ou comunidade, não só em mim, mas também nos outros, pois sozinho ninguém vive. Nós precisamos dos outros pra sermos muitas vezes felizes”. Não foi somente este estudante que fez apologia ao coletivo, destacando que o individualismo faz oposição a ideia de comunidade, mas diferentemente das demais respostas, este deixa claro que

precisamos uns dos outros, não somente para conquista de direitos, luta e etc., mas para nossa própria felicidade.

“Passei a observar melhor a distribuição social na cidade, distribuição de renda e o mais importante, a discutir comigo mesmo melhorias para o povo, comecei a levar adiante formas de nos tornarmos menos capitalistas”. Este estudante também não é único a mencionar o jeito de ser capitalista (ou consumista) como um problema, necessidade de ser mudado, e a desigualdade social. Neste mesmo ponto de vista segue a próxima resposta:

“Influenciaram a ampliação do meu senso crítico o modo de ver as coisas. Na sociedade mostrando que devemos ser parte dela contribuindo na luta por mudanças que permitam uma melhor distribuição de renda, que diminuam o preconceito racial e de gênero, que as pessoas marginalizadas pela sociedade possam ter acesso as políticas sociais; nas relações de trabalho contribuiu para um olhar voltado as questões trabalhistas, principalmente pelo papel da mulher; no lugar de moradia mostrando que a partir dai devemos mudar contribuindo nas necessidades e questões no bairro e das pessoas que nele vivem; no lazer nas saídas de campo para uma integração maior do grupo”.

Ressaltamos duas respostas similares no ponto de vista, mas com pontos diferentes a serem destacados, pois nesta última há mencionado a desigualdade racial, de gênero, as saídas de campo como integração do grupo, às questões do bairro que devem ser discutidas e pensadas, o que em nenhuma outra resposta encontramos. Esta percepção demonstra novamente um sucesso nos objetivos aos quais o Integrar procura atingir.

“O projeto nos ensinou a não acreditar em tudo que lemos ou assistimos e sim tirar nossas próprias conclusões sobre os assuntos”. Neste caso vemos a influência na conscientização em relação as informações prontas, a criticidade na leitura e ao assistir televisão. O Integrar não incita a revolta, mas ao pensamento, que através dele pode se tornar uma revolta – consciente e autêntica.

“Está me mostrando o que antes eu não conseguia enxergar, está mostrando que o mundo e o ensino não funciona bem como era ensinado lá no colegial”. Vemos esta resposta como um tipo de diagnóstico da Educação que se dá nas escolas. Enquanto o Integrar vem educar para um mundo real, cotidiano, o que os estudantes vivem.

“As aulas são um choque de realidade acho que não só em mim, mas em todos do projeto, mostra quem somos e quem podemos ser. Mostra também a realidade

dos brasileiros que não tem acesso a universidades públicas que por sua vez é um direito nosso". Esta resposta resume o que foi tão repetido neste trabalho, nas palavras do/a próprio/a estudante/a. As aulas de geografia do Integrar promovem o pensamento que os leva a perceberem e se reconhecerem, além de decidir sobre sua própria história, sua própria vida. Permite que sonhem, lutem por aquilo que acreditam e também pelo que sabem ser seus direitos.

Por último, vamos encerrar com uma resposta que consideramos completa em relação a diversidade de ideias contidas nela, está claro o posicionamento e o ponto de vista, para podermos refletir:

"Ainda quando estava no terceiro ano do ensino médio ouvia dizer que o morador de rua estava ali porque queria mas nunca compreendi isto muito bem. Com as aulas de geografia entendi, tanto a parte social e econômica do porque ele morar na rua. Como existe ainda tantas pessoas pelo mundo passando fome e outras necessidades. Não consigo olhar para o meu trabalho da mesma forma que antes, mais uma empresa, vejo que é mais uma empresa com um grande capital, onde está bem visível a classe trabalhadora de todo o restante (apesar de quererem esconder isto) e que atende a um público alvo, e para permanecer com o nome no mercado fazem qualquer coisa. As aulas de geografia aprimoraram o meu olhar crítico em todos os sentidos, principalmente, para corrermos atrás de nossos direitos e que não somos únicos na sociedade que passa pela mesma situação, mas sim um conjunto. Proporcionou um olhar mais humano com o próximo, a não criticar primeiramente (exemplo: é preguiçoso, não quer trabalhar) pois há outros fatores sociais que influenciam."

Pode-se concluir com a análise desta questão que as aulas de geografia do Integrar, juntamente com as ciências humanas, lecionadas nas sextas-feiras, mudam de forma significativa o modo de pensar e de ver o mundo dos estudantes, assim como mudam também sua própria forma de ver a vida que acontece ao seu redor, no seu ambiente de trabalho, de deslocamento cotidiano e etc. São diferentes formas de escrita, de posicionamento, de gênero, etnia, mas todos deixam claro em certa medida que as aulas de geografia do Integrar despertam o ato de pensar e a consciência perante as atitudes do cotidiano, bem como em relação às grandes questões da vida, a maneira de olhar o outro, a forma de interpretar falas, textos, noticiários, a atitude em relação as injustiças sociais. Notamos com as respostas de modo geral, que existe um reflexo, um resultado, na proposta de ensino de geografia

aplicada no Integrar.

5- Deseja fazer algum comentário sobre as aulas de Geografia do Projeto Integrar?

- “São ótimas para nos fazer refletir sobre tudo”.
- “Tem me mostrado uma nova forma de entender sobre as esferas que nos encontramos”.
- “Meu ponto de vista em relação a geografia que é ensinada no Integrar, mudou bastante minha forma de pensar em algumas áreas”.
- “Adoro essas aulas. Mesmo cansada pelo dia que tenho, fico a pensar em ficar em casa para descansar... Mas lembro das aulas e isso me da um ânimo.”.
- “São poucas aulas, mas mesmo assim estão sendo produtivas”.
- “Aulas muitíssimo precisas, a geografia física e de atualidade e estatísticas são fundamentais. Excelentes!!! Parabéns a todos os nossos educadores!”.
- “Adoro as aulas de geografia do Projeto Integrar, muito diferente das aulas de geografia do ensino regular... vi muitos assuntos do qual não tive conhecimento quando estudei no ensino médio regular. E os educadores são ótimos!!!”.

Foram diferentes comentários, mas todos têm um caráter de reconhecimento da qualidade e dinamismo das aulas de geografia do Integrar. Seguem exatamente a mesma linha de ideias da questão anterior. Todas elas fazem elogios as aulas e como elas influenciam. Promovem a reflexão, o ânimo em estudar, etc. Por ser uma questão de resposta opcional, podemos apreender daí que são muito verdadeiras, já que não era necessário nenhum comentário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi elaborado em três etapas, em que primeiramente estudamos e apresentamos o Integrar, o objeto principal e fundamental da pesquisa. Depois apresentamos o referencial teórico, fazendo uma reflexão e um diálogo com autores da área do ensino de geografia, da Educação, da geografia humanista e através da categoria “lugar”. Por último apropriou-se das duas primeiras partes e fizemos a pesquisa através de questionários aplicados na turma de extensivo do Integrar, além de trazer os resultados a partir de uma análise que considera as subjetividades dos sujeitos pesquisados.

Optou-se por fazer este trabalho utilizando o estudo de caso aplicado ao Integrar, um projeto de Educação comunitária, em que determinou-se como foco dos estudos a disciplina de geografia, lecionada por diferentes educadores com abordagem de conteúdos interdisciplinar nas ciências humanas que ocorre nas sextas-feiras à noite. O público participante, além dos educadores e monitores, são sujeitos em situação de vulnerabilidade social que pretendem passar no vestibular e se tornarem estudantes universitários. Não existe custo nenhum para estes sujeitos, pois os educadores/as são voluntários e o espaço é cedido pelo Instituto Estadual de Educação, localizado no Centro de Florianópolis.

Através da observação das aulas, pela pesquisadora nas noites de sexta-feira durante o ano de dois mil e quinze, percebeu-se que o índice de evasão é muito alto, supera os 60% até o final do ano. Além disso, as aulas são dialógicas, os educadores/as adotam estratégias para permanência dos sujeitos no curso, como humor, debates de temas cotidianos, aulas muito participativas, discursos motivacionais constantes, criação e convites de eventos e atividades fora do ambiente e do horário das aulas e etc. Como exemplo destas atividades podemos citar aulões temáticos, sessões de filmes e documentários, saídas de campo, visita a exposição de obras de artes, entre outros. Além disso, fruto do Integrar é a GESTUS, um programa de apoio e incentivo à permanência na universidade daqueles sujeitos que conseguiram se inserir neste espaço.

Os/as educadores/as fazem seu papel de intervenções sociais na medida em que proporcionam um espaço de debate, pensamento, reflexão e conscientização.

Neste sentido, cria-se um contexto de luta por transformações e mudanças do quadro de desigualdade e exclusão nos mais diversos espaços, nas escolas, universidades, áreas de habitação, lazer, centros de saúde, etc. Estas transformações e mudanças são possíveis devido o trabalho de pensamento e reflexão em conjunto, em que todos podem se tornar intervenientes sociais através de suas atitudes cotidianas, diálogos em família, comunidade, lutas e reivindicações por condições de trabalho melhores e etc. Com a entrada nas universidades essas possibilidades se ampliam na medida que o acesso ao conhecimento e maturidade intelectual crescem junto a maior articulação a projetos de extensão, de pesquisa e etc.

A Educação geográfica entra neste panorama como potencial transformadora social por lidar com o ato de pensar autenticamente e criativamente o espaço e seus constituintes. Ela trata constantemente temas de atualidades de forma muito dialógica e reflexiva, promovendo uma intensa participação da/entre a turma e interação com o/a educador/a. Além disso, temas da geografia física e cartográfica também são trabalhados de forma a estimular a reflexão e criticidade sobre a ciência envolvida.

Adotamos o viés da Geografia Humanista para a reflexão que se deu a partir das observações das aulas e da análise dos questionários aplicados e estudados afundo na terceira parte deste trabalho. Fizemos esta opção, pois esta corrente da geografia considera as subjetividades humanas na ciência que tem como objeto fundamental e grandioso o espaço geográfico. Uma ciência que estuda o espaço, constituído por tantas variáveis, não pode desconsiderar as peculiaridades humanas, ou seja, a emoção, sentimentos, sensações, percepções, na interpretação e estudo deste palco da humanidade.

Acredita-se ser pretensão enquanto seres humanos crer na ciência como detentora da razão absoluta, já que a própria ciência é criação humana. Sendo assim, não há neutralidade, não há ausência de personalidades, não existe possibilidade de estudo e reflexão longe de emoções, sentimentos e sensações. Portanto, os estudantes como próprios pensadores do espaço que habitam precisam ser valorizados como sujeitos inteiros, ou seja, repletos de experiências, memórias, afeições, emoções, etc. A Educação geográfica como processo de diálogo, respeito ao outro, pensamento autêntico, possibilidade de ação e transformação social só pode ser baseada numa corrente geográfica que leve em conta o fato de a verdade nunca estar pronta, ser tão mutável quanto a condição humana.

Aliado a isso baseamos todo o estudo na concepção da Geografia do Lugar,

que considera a categoria lugar como o espaço que é ocupado pelas pessoas, permeado de vivências que conferem afetividade por parte do sujeito que o ocupa. O que o caracteriza como Lugar é a experiência humana carregada de emoções. O que lhe diferencia do conceito de espaço é a subjetividade humana, ou seja, a presença de sentimentos e sensações que tornam este ambiente íntimo e afetivo. (CARLOS, 2007).

A partir das observações das aulas neste ano de dois mil e quinze e a conversa com os/as estudantes e educadores/as, pode-se apreender que o enorme índice de evasão se deve ao cansaço do dia-a-dia de trabalho, locomoção, etc., da dificuldade financeira em se manter todos os dias a noite longe de casa, mas também por causa da conquista de alguns/as estudantes que passaram no vestibular e foram chamados no decorrer de dois mil e quinze, como também aqueles que foram aprovados no vestibular de inverno.

A proposta do ensino de geografia com aulas que partam do conhecimento cotidiano e desenvolvam para o científico através de diálogo e interação acontecem de forma muito semelhante na área da geografia humana, sendo um pouco menos participativa na geografia física.

Existe um clima de tranquilidade nas aulas onde com descontração se trabalham os diversos conteúdos, e com total abertura para contribuições, questões, dúvidas e discordância em que de fato a maioria dos estudantes não se intimidam nem tem receio em intervir na aula. Percebemos que muitos discursos e posturas mudam com o decorrer no tempo em que estão no Integrar. Muitos passam a conversar mais, a participar mais das aulas e a ter opiniões diferentes ao final do ano.

A partir da análise do resultado dos questionários aplicados na turma de extensivo do Integrar, podemos tirar algumas conclusões, começando pelas questões fechadas: Em relação à influência das aulas de geografia do Integrar no pensamento dos estudantes em relação ao mundo e a sociedade todos afirmaram havê-la, do mesmo modo na influência em relação as atitudes cotidianas. A maioria dos estudantes, nas duas primeiras questões, responderam ter havido bastante influência, em segundo lugar muita influência, em terceiro; regular, e nenhum afirma não haver. Enquanto o resultado da terceira questão, no que diz respeito à influência das aulas de geografia no trabalho, mudou um pouco, manteve-se a maioria em bastante, seguido de completamente, depois regular e por último duas pessoas assinalaram não ter havido mudança nas relações de trabalho devido o ensino de geografia do

Integrar. Acredita-se que esta diferença se dá pela dificuldade de mudança de um espaço por excelência hierárquico, onde os trabalhadores não podem facilmente mudar as relações sem riscos de desemprego e/ou coerção.

Com a análise das respostas abertas do mesmo questionário, questões quatro e cinco, podemos dizer que todos afirmaram haver uma influência positiva das aulas de geografia do Integrar em suas vidas, de alguma forma, em alguma intensidade, ainda que pequena. Trouxemos diferentes respostas com diferentes abordagens e tipos de escrita, deixando claro a partir delas que a geografia ensinada no Integrar facilita a compreensão do conteúdo porque parte da realidade concreta, de saberes cotidianos, de um mundo em que se vive, e não abstrato. Alguns compararam o Integrar com o ensino regular e dizem que hoje entendem muito mais a geografia e até gostam mais deste estudo, tem prazer em discutir conteúdos geográficos. Outros dizem que aprenderam a respeitar e ouvir o outro, ou seja, sabem dialogar, o que é fundamental na proposta do Integrar e na concepção de Educação tomada neste trabalho, e nesta pesquisa.

Podemos então concluir esta pesquisa respondendo ao problema e questão que gerou a proposta deste TCC: qual a influência das aulas de geografia do Integrar na visão de mundo e de sociedade dos/as estudantes? Existia a possibilidade de não haver influência, mas felizmente constatamos que há. A influência está no modo de interpretar o mundo como ele é dado pronto pelos meios de comunicação, pelas escolas e até pela família, religião, amigos e etc. As vezes este mundo pronto e acabado é dado sem más intenções, mas por alienação de uma vida sem Educação emancipadora e libertadora, é muito feito pelas famílias. Já a mídia quase sempre traz o interesse do capital no seu pacote de telejornais, propagandas, programas de entretenimento e etc. A influência na interpretação deste modelo está ligada ao simples ato de pensar autenticamente se é real e se está de fato pronto. Notamos pelas respostas que não, esta sociedade que fazemos parte é diferente daquilo que nos vendem e que nos informam. Esta sociedade é extremamente complexa e exige reflexão e ação. Neste ponto está a segunda grande influência identificada pela pesquisa. Houve muita influência nas atitudes cotidianas. Acredita-se que isso se dá como reflexo do pensamento. Pois pensamento e atitude são complementares e interdependentes. Em terceiro lugar, a influência no ambiente de trabalho, também ocorre, mas não é regra, é apenas maioria. Alguns citam terem iniciado na luta por salários e condições de trabalho melhores.

Pode-se elencar alguns aspectos centrais do ensino de geografia no Integrar, como: diálogo como construtor de conhecimento, valorização dos saberes prévios e cotidianos de todos os sujeitos, a construção de conhecimento como um processo democrático (natural a medida em que se valoriza e prioriza o diálogo), relações propostas pelos/as educadores/as entre o conteúdo científico e o cotidiano, bem como, com o mundo do trabalho (importante categoria para jovens e adultos trabalhadores), problematização sobre o espaço geográfico (o palco da humanidade) ou os lugares. Por tudo isso, pode-se considerar a Educação geográfica do Integrar como um convite ao pensamento, à reflexão, à autenticidade e autonomia.

Portanto, as aulas de geografia do Integrar através da Educação, em busca de Educação universitária acessível a todos, em busca de ampliar o potencial crítico e reflexivo de sujeitos trabalhadores, em busca de contribuir com a sociedade para torná-la menos desigual, menos exclusiva, menos alienada, vem cumprindo sua proposta, têm influenciado na vida destes estudantes de modo que propicia a mudança através do ponto de partida fundamental que é o diálogo.

Por último, permito-me trazer uma reflexão pessoal a grande questão desta pesquisa. De que forma fazer esta pesquisa, influenciou na minha vida pessoal e profissional, na minha visão de mundo e sociedade? Minhas vivências no Integrar me transformaram para melhor. O simples ato de pensar no que chamei de “um convite ao pensamento” (aulas de geografia) permitiu me emancipar intelectualmente, humanamente, melhorar como educadora e como pessoa que vive numa coletividade e não isolada num mundo individualista (como prega o capitalismo). O contato com o outro, não apenas no diálogo, mas na observação, na admiração, nas emoções e sensações múltiplas, me transformaram. De algum modo. Não posso, nem sei dizer quem era há meses atrás e quem sou hoje, mas certamente me sinto com muita sorte por ter, por acaso, conhecido e participado do Integrar. Acredito que, como pesquisadora, acabei sendo um pouco de tudo, estudante, educadora e monitora, o que me permitiu um imenso aprendizado. Não só com os conteúdos científicos ministrados, mas com os métodos e abordagens que certamente levarei em minha prática docente (fazendo jus ao terceiro eixo de articulação do Integrar).

Muito se aprende na vida com experiências negativas e infelizes, mas eu posso dizer que aprendi muito com uma experiência linda, em um ambiente agradável, amigável, de diálogo, respeito, esperança e luta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTOLY, Flávio. **Debates e perspectivas do lugar na geografia.** GEOgraphia, Vol. 13, No 26. 2011.

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa/** Francisco da Silveira Bueno; Ed. rev e atual. Por Helena Bonito C. Pereira, Rena Signer. – São Paulo : FTD : LISA, 1996.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** 1º ed. São Paulo: Labur Edições, 2007.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 8º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1985.

HOLZER, Werther. A GEOGRAFIA HUMANISTA: uma revisão. Espaço E Cultura, UERJ, RJ, Edição Comemorativa, p. 137-147, 1993-2008.

LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** Trad. Maria Cecília França 1ª Ed. Campinas, SP: Papirus. 1976.

LEITE, C. M. C. (2012). **O Lugar e a Construção da Identidade: os significados construídos por educadores de Geografia do Ensino Fundamental.** Brasília. Tese (doutorado). Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação. 2012.

LISBOA, Severina Sarah. **A importância dos conceitos da geografia para a aprendizagem de conteúdos geográficos escolares.** Revista Ponto de Vista – Vol.4. 2007.

LOPES, Jecson Girão. **A geografia humanistica como ferramenta de ensino estudos educativos** - Revista Geosaberes Vol. 1, No 2. 2010.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** 6ª ed. Petrópolis, Vozes. 1996.

MOSÉ, Viviane. **A Educação e os desafios contemporâneos.** 2012. Disponível em

<http://www.studio113.com.br/clientes/icea/2012/06/ICEA_1206_101/pdf/VivianeMose.pdf> Acesso em 01 de novembro de 2015.

PÁDUA, L. C. T. (2013). **A Geografia de Yi Fu Tuan: essências e permanências.**

São Paulo. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia. 2013.

RIBEIRO, R. De O. (2011) **Formação cidadã, juventude e trabalho: a geografia na Educação de jovens e adultos (EJA).** Goiânia - GO. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais. 2011.

SANTOS, L. P. D. (2010) **O estudo do lugar no ensino de geografia: os espaços cotidianos na geografia escolar.** Rio Claro – SP. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. 2010.

ROCHA, Kleicer Cardoros; MARTINS, Rosa Elizabete M. W.; **Experiências da prática docente do professor de geografia na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) dentro do Projeto de Educação Comunitária Integrar.** In: ENCONTRO DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA DA REGIÃO SUL, 2., 2014, Florianópolis. Anais eletrônicos... Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <<http://anaisenpegsul.paginas.ufsc.br>>. Acesso em 01 de novembro de 2015.

ROCHA, Kleicer Cardoso; MARTINS, Rosa Elizabete M. W.; **Ensino de Geografia no Projeto de Educação Comunitária Integrar: diagnósticos e perspectivas do estudantes de EJA no processo do ensino geográfico.** 2014.

TIBURI, Marcia e HERMANN, Nadja. **Diálogo Educação.** 1^a Edição. São Paulo: Senac SP, 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** 1^a Edição. São Paulo: Difel, 1983.

APÊNDICE

“Apêndice 01” Questionário aplicado com a turma de extensivo do INTEGRAR

1- As aulas de geografia do Integrar influenciaram em sua forma de pensar o mundo, a sociedade?

- ()Completamente, vejo o mundo hoje de outra forma bem diferente.
- ()Bastante, em vários aspectos mudei o pensamento.
- ()Regular, em poucos aspectos mudei o pensamento.
- ()Não, continuo vendo o mundo exatamente sob o mesmo ponto de vista.

2- As aulas de geografia do Integrar influenciaram em suas atitudes no seu cotidiano?

- ()Completamente, mudei de atitude e discurso em relação a coisas que não concordo mais.
- ()Bastante, tenho atitudes hoje mais conscientes.
- ()Regular, em alguns momentos sinto necessidade de mudar de atitude.
- ()Não, não mudei minhas atitudes em nenhum aspecto por causa das aulas de geografia do Integrar.

3- As aulas de geografia do Integrar influenciaram na sua relação com o trabalho?

- ()Completamente, penso e atuo no meu local de trabalho de outra forma bem diferente.
- ()Bastante, penso e/ou atuo hoje de outra forma um pouco diferente.
- ()Regular, penso e/ou atuo, algumas vezes, pouco diferente.
- () Não, minha relação com meu trabalho continua exatamente a mesma, independente do Integrar.

4- Como as aulas de Geografia do Integrar influenciaram/influenciam no seu modo de ver e compreender o mundo (sociedade, relações de trabalho, lugar de

moradia, de lazer, etc.)?

5- Deseja fazer algum comentário sobre as aulas de Geografia do Projeto Integrar?